

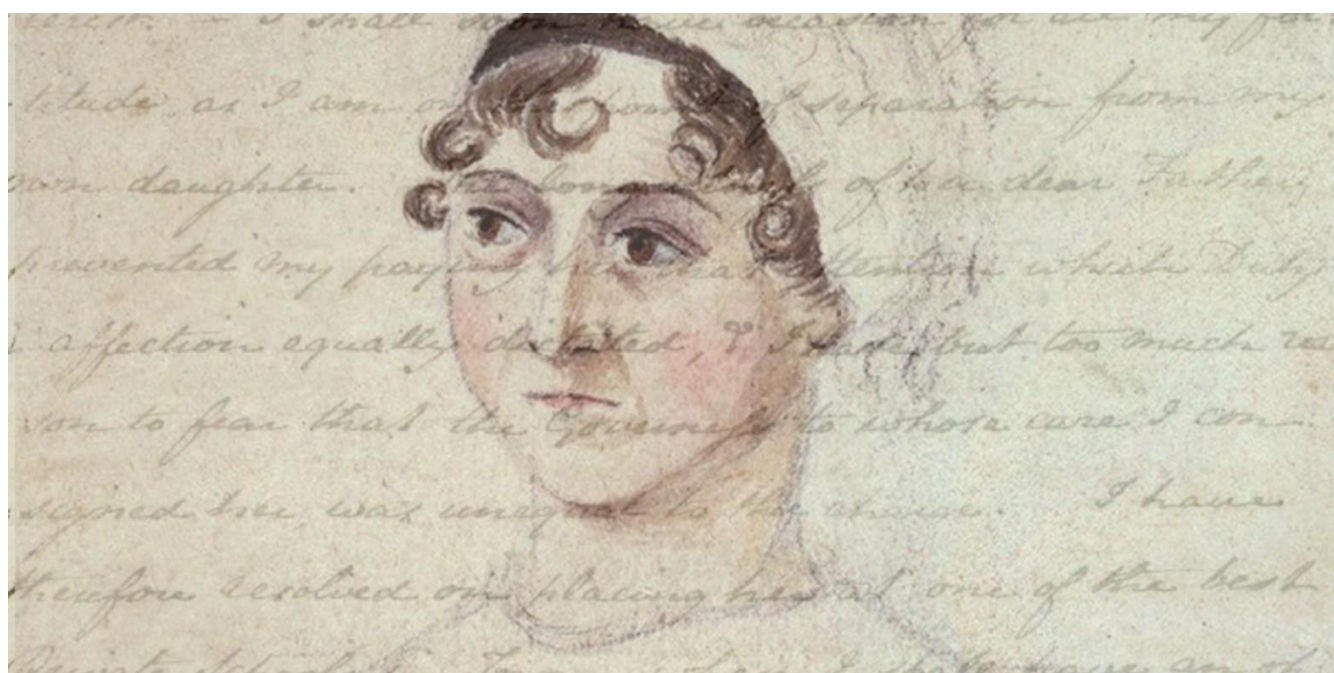
LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

Número 01, 1º Semestre de 2017

ISSN 2526-9739



Revista LiterAusten

Estudos, pesquisas e ensaios dedicados ao legado da
romancista inglesa

Jane Austen



Jane Austen Sociedade do Brasil

Revista LiterAusten – 2017 – Volume 01

ISSN 2526-9739

Publicação Semestral da JASBRA

<https://janeaustenbrasil.com.br/literausten/>
adriana@jasbra.com.br

Imagem da capa e contra-capa: manuscrito de Lady Susan (fundo) e aquarela inacabada de Jane Austen, feita por sua irmã Cassandra Austen

Presidente

Adriana dos Santos Sales

Vice-Presidente

Cláudia Suzana Cristino

Corpo Editorial

Adriana dos Santos Sales

Fábio Paiva Reis

Marcelle Santos Vieira Salles

Pareceristas *ad hoc*

Adriana dos Santos Sales (UFMG/CEFET-MG)

Cláudia Suzana Cristino (UFOP)

Fábio Paiva Reis (Universidade do Minho, Portugal)

Flávia Luciene Azevedo Oliveira Lima (UEMG)

Lília dos Anjos Afonso (UFPB)

Maria Clara P. Biajoli (UNICAMP)

Marcelle Santos Vieira Salles (JASBRA)

Rosângela Neres (UEPB)

LITERAUSTEN

Jane Austen Sociedade do Brasil - JASBRA



Jane Austen Sociedade do Brasil

Revista LiterAusten

R. Francisco Bicalho, 222 / 201
Padre Eustáquio 30.720-412
Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil
adriana@jasbra.com.br

Volume 01 - 1º Semestre de 2017

ISSN 2526-9739

Revisão e Editoração Eletrônica

Adriana dos Santos Sales

Fábio Paiva Reis

Marcelle Santos Vieira Salles



APRESENTAÇÃO

A Revista LiterAusten tem como objetivo, publicar os artigos dos Encontros Nacionais da Jane Austen Sociedade do Brasil, assim como publicações de pesquisadores nacionais e internacionais a respeito da escritora inglesa Jane Austen.

Esta Revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

A publicação é semestral e aceita artigos em fluxo contínuo.



MENSAGEM DA PRESIDENTE

Percorreremos um longo caminho até que esta primeira edição da LiterAusten pudesse chegar ao público.

E durante esta jornada, apreciadores da obra se apresentaram, com o propósito de contribuir para que o legado de Jane Austen seja propagado com entusiasmo, mas também com competência, seriedade e muita dedicação.

Entre todos os que cooperam em equipe para que esta Revista ganhe vida e notoriedade, agradeço em especial à nossa querida Flavia Luciene Azevedo Oliveira Lima (UEMG) que com graça e criatividade batizou a LiterAusten, sendo parte essencial desta Revista que brotou para amadurecer e dar muitos frutos!

Vida longa à LiterAusten!

Adriana dos Santos Sales



MENSAGEM DOS EDITORES

Temos como missão disseminar com seriedade e dedicação a obra da escritora inglesa Jane Austen e, este propósito, tem vida e nome: LiterAusten!

Este 1º Volume, publicado no dia em que o mundo recorda com reverência o falecimento de Austen há 200 anos, traz artigos inéditos e outros já publicados em anais de congressos e demais veículos de propagação digital.

O conteúdo deste volume versa sobre o estilo literário de Austen; acerca dos gêneros feminino e masculino em suas obras, também aborda a difusão da *Austenmania* e suas ramificações pelas *fanfics*.

Desejamos que a leitura seja proveitosa e que a mente e genialidade de Austen sejam atributos cada vez mais reconhecidos entre os amantes da literatura.

Adriana dos Santos Sales

Fábio Paiva Reis

Marcelle Santos Vieira Salles



SUMÁRIO

ARTIGOS

- 1 Jane Austen, escritora conservadora ou liberal?**
Adriana dos Santos Sales..... 8
- 2 Estudo das personagens masculinas em Orgulho e Preconceito, de Jane Austen**
Amílcar Figueiroa Peres dos Santos..... 18
- 3 A crítica da razão e da sensibilidade em Jane Austen: uma análise sobre o comportamento feminino em sociedade**
Marcelle Santos Vieira Salles..... 30
- 4 A tela sobre o papel: o seriado Orgulho e Preconceito e o surgimento da Austenmania**
Maria Clara Pivato Biajoli..... 55
- 5 O poder das fanfics**
Maira Bianchi..... 65
- 6 Os direitos dos homens e os deveres das mulheres**
Stephanie Savalla..... 79



JANE AUSTEN, ESCRITORA CONSERVADORA OU LIBERAL?¹

Adriana dos Santos Sales

Jane Austen Sociedade do Brasil / CEFET-MG

adriana@jasbra.com.br

INTRODUÇÃO

Desde o período da *juvenília* até os últimos livros publicados, Jane Austen escreveu seus livros em meio a um fase de agitação política, conflitos militares e efervescência religiosa, além de ser uma importante época na história do feminismo. Obviamente o conservadorismo ainda estava em alta e muitos escritores enfatizavam a posição da mulher como subordinada ao homem (Milton e Rosseau), além das inúmeras publicações totalmente dedicadas à formação de mocinhas com guias de conduta e normas para vestimenta, comportamento, entre outros.

Porém, em pleno final do século XVIII Mary Wollstonecraft já discutia os direitos das mulheres com a publicação de “*A Vindication of the Rights of Woman*” (1792) – sendo considerada como uma das primeiras filósofas feministas. A publicação de Wollstonecraft foi uma espécie de resposta aos teóricos políticos e educacionais do século XVIII que não acreditavam que as mulheres deveriam receber uma educação formal. Na opinião de Wollstonecraft, as mulheres tinham o direito à educação que visasse a formação do pensamento crítico, além de serem importantes para a sociedade pois educavam seus filhos e poderiam travar debates úteis com seus esposos, e não u serem apenas ‘donas do lar’. Na visão da autora, ao invés de meros ornamentos da sociedade ou ‘objetos’ para trocas vantajosas no valioso mercado dos casamentos, as mulheres eram seres humanos que possuíam os mesmo direitos dos homens.

Ainda no século XVIII diversos ensaios escritos por feministas moderadas como Priscila Wakefield (1751–1832), Elizabeth Hamilton (1756?–1816), Jane West (1758-1852),

¹ Artigo publicado nos Anais do V Colóquio Mulheres em Letras, em 2013.



Clara Reeve (1729–1807) e Maria Edgeworth (1768 – 1849) foram importantes para a ficção de Austen. As feministas moderadas acreditavam que as mulheres estava aprisionadas em sistemas patriarcais incapazes de realizar qualquer mudança positiva, e que, portanto, só esforços heroicos e fragmentados em nome das mulheres poderiam ajudá-las a mudar esta sociedade (Suloway, 1989: 69).

Este artigo é fruto de pesquisas, ainda em desenvolvimento, a respeito da posição da mulher nas obras de Jane Austen junto à Jane Austen Sociedade do Brasil (JASBRA). Longe de colocar um ponto final à questão que deu origem à esta pesquisa, o objetivo é traçar um panorama e destacar alguns pontos em destaque na obra de Austen. O assunto é um tema que não cede espaço para respostas óbvias e diretas, pois não é possível fazer um retrato fiel da ‘verdadeira’ Jane Austen, visto que a maior parte de suas correspondências foi queimada por sua irmã Cassandra e as biografias existentes não conseguem traçar uma posição muito nítida da autora referente à questão do feminismo.

A MULHER NA SOCIEDADE INGLESA DO SÉCULO XVIII

Esperava-se que as moças do século XVIII fossem submissas, modestas, puras e educadas, e as qualidades exigidas concentravam-se nos estudos superficiais e desenvolvimento de habilidades artísticas. Com a expansão das escolas públicas, no século 18, os meninos podiam receber a educação, de acordo com a disponibilidade financeira da família. Frequentar uma universidade era impossível para as moças, já que o acesso à faculdade não lhes era permitido e não era comum meninas e moças frequentarem escolas regulares. Somente no final da década de 1840 as faculdades Queen’s e Bedford, ligadas à Universidade de Londres, ofereceram vagas para moças, e, entre as décadas de 1860 e 1870, Oxford e Cambridge ofereceram vagas para o sexo feminino. Antes disso, as próprias famílias se encarregavam do ensino, quando possuíam uma vasta biblioteca e uma governanta. Jane e sua irmã chegaram a frequentar a escola em dois períodos diferentes – em 1783 elas foram educadas por Mrs. Cawley, mas permaneceram lá pouco tempo, pois tiveram problemas de saúde; depois foram para um internato em Reading, entre 1785 e 1787.



A família era a base de sustentação de todas as moças pertencentes à classe média e à aristocracia daquela época; por isso, era de se esperar que os pais as deixassem certa quantia após sua morte ou que os irmãos ficassem com a responsabilidade de ajudá-las, caso não se casassem. A herança e bem materiais eram transmitidos sempre ao filho primogênito ou parente mais próximo do sexo masculino, impedindo assim que as filhas recebessem a herança. Na verdade, esse era o sistema legal da época, criado para que a fortuna ficasse sempre em nome da família por várias gerações, e para que não fosse partilhada, caso o pai decidisse dividir as terras e bens entre todos os filhos, incluindo filhas².

Entre as habilidades desejáveis para uma moça da época é possível destacar: línguas, conhecimentos básicos de geografia e história, música, pintura ou desenho, bordado e dança. As principais línguas que as moças aprendiam eram o francês e o italiano, principalmente para que pudessem traduzir as músicas. Os conhecimentos relativos à geografia e à história forneciam um embasamento para futuras discussões a respeito de outros países. Por outro lado, ser uma boa pianista (pianoforte) atraía muita atenção, principalmente dos futuros pretendentes; assim, a moça seria capaz de entreter as visitas em sua futura casa. As habilidades relativas ao desenho e pintura em aquarela, eram aspirações de todas as moças de família. Ser uma boa bordadeira era motivo de orgulho para a família da moça ou para o marido, já que seus trabalhos com a agulha poderiam ser expostos nas salas de visitas e apreciados por todos. Por fim, a dança era um elemento importantíssimo na vida de qualquer moça daquela época, visto que os bailes ofereciam a oportunidade de conhecer e conversar com outros rapazes. A maioria das moças praticava as danças com suas irmãs, até que fossem apresentadas à sociedade.

A vida em sociedade era conduzida por regras de conduta, de etiqueta e padrões de moral. A maior parte da população inglesa vivia na zona rural, onde havia pouquíssimas oportunidades de as regras serem quebradas. Mesmo em Londres era praticamente impossível para qualquer pessoa não participar de eventos sociais, já que a maioria das famílias tinha hábitos parecidos quando iam às grandes cidades em determinadas épocas do ano. Tanto as moças quanto os rapazes deviam obedecer às regras impostas, principalmente se o objetivo era o casamento. A primeira observação que deve ser feita é em relação aos

² MOODY, em *Marriage and the alternatives: the status of women*, explica o direito de primogenitura e sucessão de bens de forma mais detalhada.



pares: inicialmente o rapaz deveria procurar saber se havia na família moça à qual desejava fazer a corte.

Ao socializar em público, era proibido para uma moça conversar com um rapaz nas ruas, praças e parques, sem que houvesse um acompanhante. Os jovens que não se conheciam deveriam ser apresentados uns aos outros pelo mestre de cerimônias do baile ou por outro conhecido. Ou seja, ninguém se apresentava diretamente à outra pessoa. Quanto ao vestuário³, era importante saber se vestir, mesmo com uma renda familiar pequena. As moças deveriam seguir um padrão ao se vestirem, por exemplo, elas tinham que considerar a roupa que vestiam pela manhã, feitas, em geral, de tecidos mais simples e jamais deveriam usar pérolas ou diamantes para não chamar a atenção. À noite, os vestidos eram mais elegantes e feitos com tecidos mais caros, usados principalmente em bailes e jantares.

Segundo Sullivan (2007) quando a mulher se casava, suas obrigações se restringiam a desenvolver uma boa relação com a empregada da casa, planejar os cardápios das refeições diárias e dos jantares, conduzir os empregados, ajudar aos mais pobres e doentes, decorar a casa, alfabetizar os filhos (se estes forem muito pequenos para terem uma governanta), entre outras responsabilidades. Sob o ponto de vista financeiro, sob o ponto de vista feminino o casamento era visto como uma tábua de salvação para as mulheres que não possuíam renda familiar e que não queriam viver na pobreza. Eram raros os casos de casamento por amor, prevalecendo assim, o casamento por interesses essencialmente masculinos e econômicos. O casamento era um “acordo” entre as famílias. As mais abastadas tinham o interesse em aumentar ainda mais suas rendas e propriedades; já os mais pobres vislumbravam a ascensão social. Jane Austen, que acabou não se casando, vivenciou muito bem a situação de ser dependente financeiramente do irmão mais abastado. Em Emma a autora retrata uma opinião a despeito da necessidade de um casamento por segurança financeira, Emma Woodhouse argumenta com a amiga Harriet Smith: *“...é a pobreza que torna o celibato desprezível! Uma mulher solteira, sem renda, seria uma velha criada, ridícula e desagradável! Seria motivo de piadas!”*(AUSTEN, 2012: 114) Preocupadas com a velhice, algumas mulheres estavam dispostas a se casar, já que este

³ Há um capítulo inteiro dedicado ao vestuário, acessórios e penteados, tanto masculino quanto feminino Um guia interessante sobre o vestuário da época de Austen pode ser encontrado em: DOWNING (2010).



era o único caminho para a estabilidade financeira ou até mesmo para escapar de uma família incompatível. Esse dilema é discutido entre as duas irmãs, Emma Watson e Elizabeth:

Emma: – Ser tão inclinada ao casamento – perseguir um homem por causa de uma situação – é algo que me choca; não consigo entender. A pobreza é um grande mal, mas para uma mulher educada e de sentimento, não pode ser dos males o pior. Eu preferiria ser professora em uma escola – e penso que nada poderia ser pior – do que me casar com um homem de quem não gosto.

Elizabeth: – Eu já frequentei a escola, Emma, eu conheço a vida que elas levam; (...) Eu não gostaria de me casar com um homem desagradável, assim como você, mas não creio que existam tantos homens desagradáveis; acredito que eu poderia gostar de qualquer homem bem humorado e com uma renda confortável. (AUSTEN, 2007: 60)⁴

O direito de propriedade e o controle do dinheiro eram exclusivos dos maridos e as leis inglesas da época colocavam a mulher em uma situação muito delicada. Somente após a *The Married Woman's Property Act*, de 1870, é que as mulheres conquistam o direito de herdarem rendimentos e propriedades após o casamento; em 1882, conseguem manter o que conquistaram durante o casamento. Antes dessas leis, as mulheres eram tratadas como criminosas e até insanas. O *Matrimonial Causes Act*, de 1857, dava ao homem o direito de se divorciar, caso a mulher lhe fosse infiel. Porém, se uma mulher pedisse o divórcio por infidelidade do marido, esta perderia a guarda dos filhos e ficava proibida de vê-los. Somente em 1891 é que as mulheres conquistaram o direito do divórcio, sem restrições aos filhos. Os corpos das mulheres também pertencia aos maridos, que foram proibidos, nesse mesmo ano, de aprisionarem suas esposas para obterem seus direitos conjugais relativos ao sexo.

JANE AUSTEN E AS INFLUÊNCIAS FEMINISTAS

Pouco se sabe a respeito das escritoras que influenciaram a escrita de Jane Austen, entretanto, é possível observar que a autora possuía uma biblioteca de tamanho razoável em sua casa e, portanto, tinha acesso aos livros escritos por suas contemporâneas. Tomalin (1997) afirma que há evidências de que Austen conheceu ou pelo ouviu falar das publicações de Wollstonecraft, já que um dos alunos do pai da escritora era o principal patrocinador de

⁴ Tradução livre da autora deste artigo.



Wollstonecraft. As duas autoras ainda possuem algumas características em comum. Ambas tiveram seus trabalhos rejeitados: Mary (1792 - *A Vindication of the Rights of Woman*) e Jane (1798 – *Orgulho e Preconceito*), na época não consideravam que os escritos de uma mulher estivessem no mesmo nível dos homens.

De maneira resumida podemos identificar algumas peculiaridades comuns entre Austen e Wollstonecraft. Ambas consideravam as mulheres, assim como os homens, criaturas racionais. Um bom exemplo de mulher racional, na obra de Austen, é Elizabeth Bennet (*Orgulho e Preconceito*). O casamento ainda era visto como uma instituição econômica, apesar dos finais felizes, as mulheres de Austen ainda se casavam para manter um *status quo*. Apesar de o casamento ser importante nos romances, o foco principal de Austen é a situação da mulher na sociedade inglesa de sua época. Em todos os livros, Austen retrata as mulheres vivendo em uma sociedade onde a educação não libertava as mulheres, apenas restringia ainda mais a situação feminina. Por sua vez, Wollstonecraft acreditava que o sistema educacional era falho, pois impedia as mulheres de seguirem carreiras e fazerem escolhas para si mesmas e suas famílias.

Críticos como André Brink (1998), Claudia Johnson (1990), and Gilbert and Gubar (1979) acreditam que Austen criou uma consciência feminista em suas obras. Entretanto alguns críticos não percebem uma posição feminista nos escritos de Austen. Armstrong (1987) *apud* Kollmann (2003) afirma que o objetivo de Austen não é criticar a sociedade mas apenas fazer uma redefinição de riqueza e status. Há ainda críticas como Seeber (1999) que consideram a obra de Austen como dialógica, citando como exemplo o processo de crescimento de Marianne Dashwood em *Razão e Sensibilidade*. Seeber ainda argumenta que as duas personagens principais de *Razão e Sensibilidade* vivem situações paralelas e justapostas, onde as heroínas vivenciam o mundo de maneiras diferentes. Ainda sobre a questão de indefinição quanto a uma postura feminista na obra de Austen, Seeber (1999: 231) destaca que: “... *Austen nos torna conscientes de lacunas, omissões e contradições... Ao incorporar contradições, Austen incorpora discursos contrários, oferecendo-nos um vislumbre de mundo polifônico que a ideologia dominante... precisa reprimir*”.

Elizabeth Kollmann (2003) considera Austen em relação ao seu social em que ela viveu e a herança patriarcal da sociedade da época. Segundo Kollmann, Austen precisou fazer uma crítica secreta, possivelmente porque em seu tempo, para sobreviver enquanto



mulher e escritora ela não poderia se rebelar contra o sistema. Sob a ótica feminista a obra de Austen pode ser considerada como foco principal a situação da mulher do século XVIII, questões como (falta de) educação das mulheres, falta de conhecimento, o casamento como instituição patriarcal de aprisionamento e de identidade das mulheres. Há muitos indícios como a mulher deveria ser criada apenas para uma vida doméstica e como a educação daquela época era tendenciosa, deixando as mulheres sem possibilidades de desenvolvimento do intelecto, subjulgando-as à tarefas corriqueiras e sem grandes responsabilidades. Austen faz questão de mostrar, em sua grande maioria, mulheres como seres racionais, apesar do preconceito e limitações da sociedade. Obviamente, Austen mescla mulheres em diferentes estágios de pensamento crítico, não se atendo apenas às vulgaridades de mentes ociosas ou racionalismo exagerado. A autora busca o equilíbrio ao desenvolver suas personagens femininas, mesmo que algumas tenham que passar por situações que as levaram ao crescimento intelectual e racional.

CONSERVADORA OU LIBERAL?

A resposta para a pergunta envolve bastante reflexão e talvez não seja possível apresentar uma resposta definitiva ao longo de tantos anos de pesquisas dos críticos supra citados. O objetivo aqui é fazer uma apresentação resumida, destacando alguns pontos de cada corrente político-filosófica a fim de que o leitor possa chegar às suas próprias conclusões.

Sendo assim, é possível resumir a obra de Jane Austen sob o ponto de vista conservador, pois a autora não apregoa mudanças radicais, apesar de saber que seus personagens iam contra a corrente e que estava fora de sintonia com seu tempo. Porém, acredita-se que Austen sofreu uma espécie de refreamento com as críticas negativas às suas obras e até mesmo foi incompreendida por seus contemporâneos. Até mesmo Chapman (1988), organizador e revisor das obras de Austen, não a destaca como uma mulher à frente de seu tempo. Ele coloca a escritora em uma posição de mera expectadora da sociedade de sua época, e enfatiza que “... Austen não está no cânone literário por causa da sua visão social ou até mesmo por seu formidável talento, mas sim porque foi capaz de registrar as maneiras elegantes de sua época.” Entretanto, Chapman pode ter se esquecido de que



Austen ao falar de fatos corriqueiros, elevou o trivial a uma forma de arte e consagrou seu nome entre os mais expoentes de sua época.

Entretanto é necessário mesmo em face à tantas adversidades enquanto escritora de seu tempo, Austen foi pioneira ao expor o que antes era frívolo e considerado 'sub-intelectual' com muito humor e inteligência. Além disso, seus livros possuem uma sagacidade e cinismo incomuns para sua época. Austen tinha consciência de que certas atitudes de suas personagens poderiam não agradar ao grande público. Ao escrever Emma, a escritora chegou a registrar em uma correspondência para a irmã Cassandra o receio de criar uma personagem que ninguém, além dela mesma iria gostar, já que Emma é a única heroína de Austen que não tem a necessidade de se casar apenas para estabilidade financeira, visto que era herdeira direta do pai. Ao criar uma heroína assim, Austen foge completamente dos padrões de casamento e posição da mulher na sociedade.

Sob o ponto de vista liberal, Austen destaca-se por se recusar a escrever histórias nas quais suas personagens simplesmente defendem suas virtudes nas investidas masculinas (estórias como Clarissa ou Pamela de Richardson). O casamento é crucial porque é a única forma acessível de auto-definição para mocinhas de sua época (Gilbert and Gubar, 1979), porém, suas heroínas apresentam-se, em graus diferentes, independência suficiente para desejarem um casamento por afeição e não apenas por comodidade financeira.

Pode-se tomar cada uma de suas seis principais obras a título de exemplificação. Em 'A Abadia de Northanger', Austen inova por apropriar o gótico de maneira distinta e progressiva, através da paródia descreve os guardiões nacionais (oficiais do exército) e os domésticos como figuras socialmente desestabilizadoras. Em 'Razão e Sensibilidade' faz uma crítica social progressiva, pois o seio familiar é representado como local de hábitos corruptos e ociosos. Já em 'Orgulho e Preconceito', Austen parece equilibrar o conservadorismo e o liberalismo ao trabalhar conceitos como felicidade e responsabilidade.

Nós três últimos romances, Austen usa um discurso mais aguçado. 'Mansfield Park, aparentemente é um romance 'tranquilo', porém não há como negar a existência de divergências de opiniões femininas. Em 'Emma' o livro é praticamente controlado por mulheres: Emma, Mrs. Elton, Mrs. Churchill. Além de ofender muitos críticos, colocando uma heroína praticamente livre para escolher, com independência financeira e sem



necessidade de se casar. E por fim, em ‘Persuasão’ Austen nos apresenta uma heroína com opiniões próprias e avançadas para seu tempo.

Há um diálogo muito interessante entre Anne Elliot e o Capitão Harville, em ‘Persuasão’, destacando a opinião forte a personagem principal. Harville afirma: *“não creio ter aberto um único livro em minha vida que não falasse da inconstância feminina. Canções e provérbios sempre falam da volubilidade feminina. Mas talvez me dirá que foram escritos por homens”*. (Persuasão, 1996: 278). Por sua vez, Anne Elliot defende as mulheres e responde: *“(…) por favor, não faça referência a exemplos de livros. Os homens levaram todas as vantagens sobre nós ao contar sua própria história. (...) A pena esteve em suas mãos. Não posso admitir que os livros provem alguma coisa”* (Persuasão, 1996: 277-278). Finalmente, em um outro exemplo, em Persuasão, é possível observar outro protesto na conversa entre Anne e o Capitão Harville: *“(…) vivemos em casa, tranquilas, confinadas, e nossos sentimentos nos atormentam (...) (vocês) sempre têm uma profissão, atividades, alguma espécie de negócio para fazê-los voltar imediatamente ao mundo (...)”*(Persuasão, 1996: 278)

CONCLUSÃO

Austen fica em silêncio apenas em questões políticas de sua época, entretanto *“desmantelou mitos propostos por muitos escritores (conservadores) sem necessariamente propor uma sociedade radicalmente reconstituída (reformista)”* (Cláudia Johnson: 1990). Seus livros nos proporcionam interpretações que podem oscilar entre liberalismo e/ou conservadorismo. Austen oferece um panorama para que seus leitores examinem e possam questionar as instituições (família, religião, trabalho) e não destruí-las.

Em conclusão, é possível afirmar que Jane Austen encontrou um ponto de equilíbrio entre liberalismo e conservadorismo, pois confirma a importância da família tradicional em mundo em mudança, entretanto, em sua visão, a família sempre incorpora algo novo, novos valores e atitudes. Além de conduzir suas personagens à mudanças importantes ao longo da narrativa. Encerro essa discussão com uma citação interessante de Seltzer (2012): *“Austen não está no time das feministas ou no time das conservadoras. Todos somos do time Austen!”*



REFERÊNCIAS

- AUSTEN, Jane. **Persuasão**. Tradução: Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1996.
- AUSTEN, Jane. **Sandition and The Watsons – Austen’s Unfinished Novels**. New York: Dover Publications, 2007.
- AUSTEN, J. **Emma**. Tradução: Adriana Sales Zardini. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- BRINK, A. **The Novel: Language and Narrative from Cervantes to Calvino**. Cape Town: University of Cape Town Press, 1998
- CHAPMAN, R. W. **The Oxford Illustrated Jane Austen**. Oxford: Oxford University Press, 1988.
- DOWNING, Sarah J. **Fashion in the time of Jane Austen**. Oxford: Shire Library, 2010.
- GILBERT, S.M. and GUBAR, S. **The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the 19th Century Literary Imagination**. New Haven: Yale UP, 1979.
- JOHNSON, C. L. **Jane Austen – women, politics and the novel**. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.
- MOODY, Ellen. **Marriage and the alternatives: the status of women**. The Republic of Pemberley, 2004b. Disponível em: <<http://www.pemberley.com/janeinfo/pptopic2.html#protorefem3>>. Acesso em: 05 abril 2013
- SULLIVAN, Margaret C. **The Jane Austen Handbook – A Sensible Yet Elegant Guide to Her World**. Philadelphia: Quirk Books, 2007.
- SULLOWAY, Alison G. **Jane Austen and the Province of Womanhood**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1989.
- TOMALIN, C. **Jane Austen, a life**. New York: Alfred and Knoff, 1997.
- KOLLMANN, E. **Jane Austen Re-visited: A Feminist Evaluation of the Longevity and Relevance of the Austen Oeuvre**. 2003. Disponível on-line: <http://dspace.nmmu.ac.za:8080/jspui/bitstream/10948/299/1/KollmannE.pdf>. Acesso em: 05 abril 2013



ESTUDO DAS PERSONAGENS MASCULINAS EM *ORGULHO E PRECONCEITO*, DE JANE AUSTEN

*Amilcar Figueiroa Peres dos Santos*⁵
CEFET-MG e SEE/MG
amilcar@gmail.com

INTRODUÇÃO

O estudo de produções literárias exige um olhar atento para elementos como a contextualização, a realidade e os valores de sua época de sua produção. A compreensão da narrativa inserida no momento de sua produção e a análise com um olhar contemporâneo podem levar a observações peculiares, como as discussões a respeito das relações de gênero, avaliando o papel social e o grau de importância das personagens e dos casais que se formam.

Jane Austen pertence ao grupo das poucas escritoras da aristocrática Inglaterra Georgiana e viveu dentro de casa todas as alegrias e mazelas de pertencer a uma classe subalterna⁶, incluindo as dificuldades financeiras de seu pai. No entanto, ela também teve acesso a pessoas de diferentes condições sociais, o que a auxiliou na construção das personagens retratadas em suas narrativas. Em geral o perfil feminino é de mulheres em uma condição tão desfavorável, que depositavam suas esperanças em um casamento, para que pudessem garantir um futuro promissor. Tudo isso tendo como pano de fundo um padrão de comportamento social rigoroso em qualquer situação pública: nos bailes, nas praças, nas ruas, ou mesmo nas recepções de visitantes ou convidados dentro de casa.

⁵ Graduado em Letras e Mestre em Educação Tecnológica, professor do CEFET-MG e da SEE/MG, em Belo Horizonte (MG).
amilcar@gmail.com

⁶ De acordo com a pesquisadora e presidente da Jasbra, Adriana Zardini, a família da escritora pertencia à classe denominada gentry (classe média ou baixa aristocracia), com uma renda anual de cerca de 300 libras, conforme http://www.letas.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Em%20Tese%2017/17-2/TEXTO%201%20ADRIANA.pdf



Desta forma, as produções literárias da autora inglesa Jane Austen apresentam um rico painel das relações sociais e dos diversos comportamentos da sociedade inglesa do final do século XVIII. A autora tem um olhar bastante analítico a respeito dos valores e costumes de seu tempo, principalmente dos anseios femininos, por este motivo suas personagens e protagonistas são muito estudadas e até exaltadas por fãs, leitores e críticos literários. As personagens femininas criadas por ela vão se mostrando verossímeis, tanto como mulheres atuantes, fortes, quanto como mulheres dóceis e frágeis.

Por outro lado, sua curiosidade e seu olhar observador garantem uma percepção ímpar das pessoas reais, permitindo que ela leve isso para suas produções. Por este motivo é tão interessante analisar de que forma ela foi elaborando o perfil de suas personagens masculinos e como foi descrevendo-os.

Antes de avançar neste estudo, é preciso destacar que este trabalho é leitura crítica das personagens presentes na obra literária⁷, não levando em consideração os filmes e minisséries produzidos à partir dela e que apresentam atores escolhidos por diretores, roteiristas, adaptadores e por estúdios cinematográficos e emissoras de televisão, com a intenção de agradar e atrair o público predominantemente feminino, mas que não são, necessariamente, o que o livro apresenta ou descreve. O segundo esclarecimento é que este trabalho apresenta um perfil das principais personagens masculinas, descrevendo e tentando explicitar o que despertavam nas mulheres, principalmente nas irmãs Bennet, jovens filhas de um proprietário rural da fictícia Meryton, em Hertfordshire, nas imediações de Londres. O terceiro esclarecimento refere-se ao conceito de “personagem” que precisa ser bem determinado, desta forma, em Mesquita (1994), ela define que:

Personagem *dramatis personae*, agente (actante), sujeito do enunciado. Modernamente, há a recusa de conceber a personagem como pessoa (character, em Forster), como ser, preferindo-se considerá-la como um participante, agente ou paciente, na ação.

e, Antonio Cândido afirma que:

⁷ A obra literária que serviu de base para este estudo foi a 1ª edição da Editora Landmark, publicada em 2008, com 400 páginas, porque é uma edição bilíngue e permitia a consulta ao texto original imediatamente.



a personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (CANDIDO, et. al)

Neste trabalho houve opção por tratar a personagem como um “participante na ação”, que mantém uma “verossimilhança diretamente ligada à verdade existencial e à concretização do ser fictício”, ainda que não tenha vida ou existência.

ORGULHO & PRECONCEITO E SUAS PERSONAGENS

Orgulho e Preconceito, de Jane Austen, é uma obra que apresenta as relações sociais de uma preconceituosa Inglaterra oitocentista, com uma visão feminina, mas também, com cuidado e critério, típicos do período de transição entre o séc. XVIII e XIX. No texto literário, a autora descreve rapazes, moças e famílias de diferentes classes sociais e com diferentes formas de passatempo – de um lado, os jovens que não trabalhavam e pertenciam à classe média alta ou à nobreza tinham como lazer e obrigações a caça, a pesca, jogos de cartas, mas deveriam se portar com discrição. Por outro lado, as moças podiam jogar cartas, e fazer apostas de pequenos valores, ler e escrever, costurar e bordar, desenhar e pintar, ter aulas de canto e tocar algum instrumento. Porém, o comportamento público deles deveria ser de cortesia e recato, e as moças só poderiam conversar com um rapaz se houvesse uma pessoa acompanhando-a, e deveriam ser apresentados uns aos outros por uma pessoa com relações comuns, ou por um mestre de cerimônias nos bailes.

Tudo isso mostra que a construção das personagens deveria ter um refinamento que alguns editores tinham dúvidas sobre a competência da produção literária feminina, ridicularizando as mulheres que se atreviam a escrever, porque não acreditavam que elas fossem capazes de apresentar todos os detalhes do comportamento e das relações humanas e



grande parte delas não era incentivada a ser artista e, se elas tivessem um pendor para a escrita literária eram levadas a crer que uma mulher escrever um livro seria ridículo, e até mesmo mostrar-se-iam perturbadas, Woolf (2004) e Gilbert & Gubar (1984)

Assim, Jane Austen teve papel importante na literatura, ao se manter firme na luta pela publicação de suas obras, ainda que inicialmente tivesse que vencer diversos percalços, para marcar a posição e a competência feminina, porque, de acordo com Ferreira (2010), Jane Austen descreve:

(...) um novo tipo de herói, um novo papel para o homem, para a mulher e uma nova concepção de casamento no qual o elemento amor é acrescentado. Na esfera do doméstico, mundo que ela bem conheceu, Jane Austen apresentou visões alternativas para suas heroínas e dramatizou a situação da mulher em seus romances. (Ferreira, 2010, p. 4-5),

Desta forma, Austen imprime verossimilhança ao entrelaçar personagens, enredo, conflito, clímax e desfecho, construindo uma narrativa que valoriza comportamentos características e realçando nos protagonistas um perfil que se contrapunha à aristocracia patriarcal. Seu enredo apresenta mulheres fortes, autônomas, racionais e independentes, que procuravam a realização e a felicidade, como o fez Elizabeth Bennet. Assim, descrever e discutir o papel de personagens masculinos contribui para lidar com este perfil feminino tão pouco retratado e, ao mesmo tempo, serve de apoio à trama principal.

AS PERSONAGENS:

Abaixo há um cenário de relações apresentado as relações estabelecidas entre as personagens:

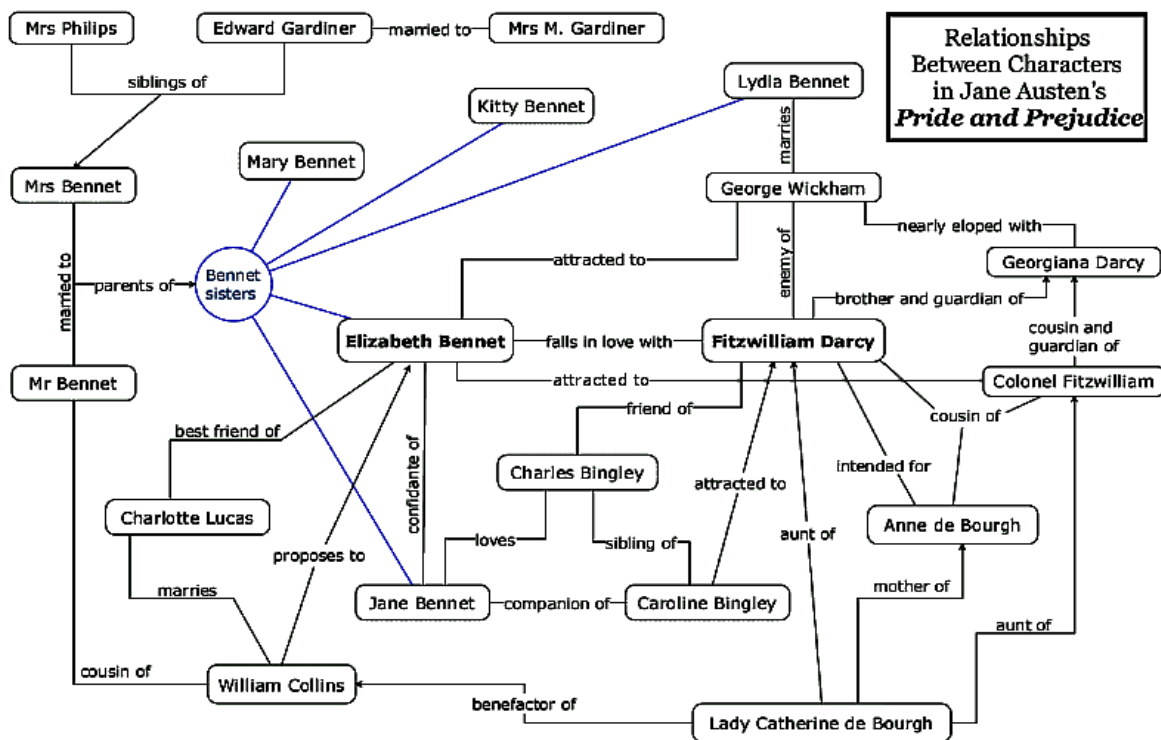


Figura 1

Partindo do esquema apresentado, sentimentos, comportamentos e atitudes das personagens masculinas, bem como sua descrição e correlação com trechos da obra literária serão apresentados – em alguns casos fazendo referência, em outros se contrapondo às esperanças e aos anseios das personagens femininas, principalmente das irmãs Jane, Elizabeth e Lydia Bennet. Para isso, apresentaremos as personagens e os detalhes de cada uma delas.

Mr. Fitzwilliam Darcy: é o protagonista masculino, porque faz par romântico com a protagonista feminina, Elizabeth Bennet e é descrito como um homem alto e esguio, inteligente, de belos traços e ar nobre, deixando evidente o estereótipo do homem decidido e que sabe o poder (do dinheiro e da família nobre) que tem, inclusive é o proprietário da famosa Pemberley, em Derbyshire e tem um alto nível de exigência em relação às moças, considerando que quase não há uma que seja prendada (pág. 44). Isso também mostra uma postura extremamente orgulhosa, maneiras sofisticadas, mas pouco convidativas, deixando claro que considera isso uma qualidade, não um defeito, aceitando ser um homem vaidoso



(pág. 64 e 92). Mostra-se um leitor ávido (pág. 62) e com alguma sensibilidade ao crer que a poesia é como um alimento para alma. Talvez, por essa relação com a leitura, tenha um tom solene e elaborado ao redigir cartas (geralmente endereçadas à família e aos negócios), usando palavras longas (com 4 sílabas). Porém, tem preferência por estabelecer relações socialmente mais reservadas, por isso chega a ser rude, desagradável e faz questão de “não se misturar” a grupos de pessoas desconhecidas. No entanto, seu distanciamento está mais relacionado a uma “timidez”, que é apresentada no primeiro Baile de Netherfield, mas que a autora confundirá os leitores, levando-os a pensar que é arrogância, quando, de fato, se trata de timidez, que somente será revelada ao leitor, quase no desfecho, quando ele conseguir confessar essa característica para Elizabeth. Sua postura extremamente crítica e soberba, apresentada no início do texto, é um artifício importante da autora, para mostrar o quanto essa personagem vai se transformando e acaba cedendo ao sentimento que passa a ter por Miss Elizabeth Bennet. Um exemplo disso é o elogio que faz a Miss Jane Bennet e o desprezo com que se refere às demais garotas do primeiro baile, argumentando que somente Miss Jane era bonita o suficiente para uma dança – no entanto, depois deste evento, ele acaba tendo que dar o braço a torcer, porque se apaixona por Elizabeth Bennet, elogiando-a com vigor e eloquência por sua beleza, rara inteligência, olhos escuros e expressivos, enfatizando a importância de sua figura leve, agradável e com uma alegria tranquila. Ele admira o charme e a beleza do rosto suado e brilhante de Elizabeth, quando ela vai visitar sua irmã Jane, que ficou doente e estava convalescente em Netherfield, demonstrando também discrição, ao não mencionar a anágua suja de barro, mas é crítico e ácido em relação aos Gardiner, tios de Miss Bennet, que moram em Cheapside, apresentando uma postura de grande discriminação social. Tudo indica que, ao ser esnobado por Elizabeth Bennet, ele acaba criando uma fantasia de afeição, que vai se transformando em amor. Inicialmente ele tenta se afastar da atração que passa a sentir por ela demonstrando seu interesse por ela com galanteios e um atípico pedido para dançar (pág. 58) Um exemplo disso é a crítica à astúcia de Elizabeth. Em visita ao presbitério, vence o orgulho e a timidez e se declara para Elizabeth com intensidade (cap. 34), mas somente nos capítulos 43 e 44 ocorre o clímax dessa personagem, porque marcam a transformação / metamorfose de Mr. Darcy, sucumbindo ao amor por Elizabeth. Desta forma, faz um bondoso gesto de pagar as despesas do casamento de Miss Lydia (Mrs. Wickham) porque



sente remorso e acredita que essa situação só ocorreu devido à sua omissão, uma vez que não contou, na primeira oportunidade, toda a verdade sobre a falta de caráter e a ambição desmedida daquele rapaz – conforme é revelado em carta de Mrs. Gardiner (p. 337). A humanização e o declínio do orgulho dessa. Enfim, é uma personagem com características pessoais, físicas e comportamentais marcantes, que acentuam sua posição social, e do tipo redonda, porque apresenta um perfil complexo, com diferentes traços, mudanças de atitudes, algumas contradições e imprevisibilidade, buscando surpreender o leitor.

Mr. George Wickham: é um oficial alojado perto de Meryton, com patente de tenente, bastante jovem e falante, que se destacava pelos modos e robustez. Demonstrava ser uma pessoa muito feliz e agradável (pág. 87), e suas atitudes espontâneas e alegres, somadas à sua franqueza e alegria contagiam e vão seduzindo os membros da família Bennet (pág. 150). No passado foi uma pessoa muito próxima da família de Mr. Darcy, convivendo com todos desde a infância, mas é o antagonista da obra literária, porque faz uma oposição direta com o protagonista, Mr. Darcy – sendo este um ex-amigo de infância, que acaba sendo rotulado como um homem soberbo, mau e imponente por Wickham. Aparenta bons modos ao se esquivar de falar ou "julgar" Mr. Darcy para Elizabeth, mas é bastante ardiloso ao desmerecer Mr. Darcy (filho) para Elizabeth e elogiar o patriarca Mr. Darcy. Elogia o condado de Meryton e mostra-se sensível, frágil e solitário para Elizabeth (pág. 90), criando um jogo de sedução, no qual aproveita a primeira oportunidade com ela para confessar que queria ser pastor, mas que diversas circunstâncias (que não revela), acabaram levando-o a perder o legado deixado por Mr. Darcy (pai), que gostava de seu temperamento sincero e acolhedor. Neste momento, tenta manchar a imagem de Mr. Darcy (filho), alegando fora injustiçado porque este tomou tudo que era seu direito devido a ciúmes. Para completar suas críticas, faz um julgamento a respeito de Lady Catherine, chamando-a de ditadora e insolente (pág. 95)

É uma personagem aproveitadora, identificada por sua forma de agir e sua condição social, que mantém um comportamento uniforme, mas demonstra falta de caráter e de escrúpulos e, não demonstrando mudanças no decorrer da narrativa.



Coronel Fitzwillian: é uma personagem coadjuvante ou secundária, uma vez que é um homem de cerca de 30 anos, sem beleza física, mas muito educado e com fala agradável, primo e amigo do protagonista, Mr. Darcy, assumindo a função de guardião de Miss Georgina Darcy, irmã do protagonista. É, identificado por um comportamento sem mudanças ou aprofundamento, apenas era um grande cavalheiro – em trato, conversa, prontidão e tranquilidade. (pág. 182)

Mr. Charles Bingley: é uma personagem importante, que assume um papel de coprotagonista, uma vez que é amigo e tutelado pelo protagonista, Mr. Darcy, estando sempre próximo e ajudando seu amigo. É um jovem cavalheiro bem apessoado, com semblante agradável, modos naturais e simples, animado, simpático, inteligente, bom dançarino, sensível, bem-humorado e espirituoso, que aluga uma propriedade em Netherfield, perto de Longbourn, no início da história. Desde a primeira aparição demonstra bons modos, um temperamento afável, generosidade e boa educação. A autora o mostra com um “caráter completo”, contrastando com seu amigo Darcy por ser mais alegre, brincalhão e charmoso, ficando muito popular em Meryton. Mr. Bingley é o estereótipo do bom moço, do rapaz certinho e perfeitinho demais, tendo como um de seus poucos defeitos o fato de se deixar levar pelas opiniões alheias, como ocorre ao sair de Netherfield, seguindo conselho de sua irmã e de Mr. Darcy. Desde o início deixa claro que o casal Bingley e Jane Bennet terão um final feliz, fazendo a corte a ela, dançando 2 vezes na noite do primeiro baile e outras duas vezes em ocasiões distintas, totalizando 4 danças em 15 dias. Para os padrões da época, ele se mostra interessado e deixa clara sua intenção de matrimônio – apesar de o desfecho feliz só ocorrer depois de algum sofrimento. Inclusive, vale destacar que no episódio em que Jane se adoenta, ele demonstra ser muito atencioso, solícito, amoroso e preocupado, aguardando a melhora da saúde de Miss Jane Bennet. Outra oposição entre Mr. Bingley e Mr. Darcy se dá quando Bingley considera-se ocioso e pouco apreciador da leitura, além de ter uma postura crítica em relação ao excessivo refinamento das jovens damas (moças prendadas). Mantinha uma postura “patriarcal”, tomando conta e exigindo modos da irmã (pág. 51), mas é relativamente dependente da opinião dela e dos amigos – como Mr. Darcy e por isso acaba saindo de Netherfield. É uma personagem típica e plana, identificado por sua condição social e econômica e pelo



comportamento padronizado, sem grande mudanças ou aprofundamento psicológica no decorrer da narrativa.

Mr. Bennet: é o patriarca da família Bennet, tem uma esposa e 5 filhas, mostra-se um cavalheiro culto e inteligente, com hábito de ler em sua biblioteca e fica irritado com interrupções e a ruptura desta rotina.. Mantém uma postura de desaprovação diante do comportamento da esposa e das três filhas mais novas, que estão sempre em busca de bons pretendentes (a maridos), porque ele se preocupa mais com a felicidade das filhas, do que com um “futuro promissor” conquistado por um casamento arranjado. Por isso chama de “imaturidade” o comportamento das filhas mais novas (sempre encantadas com os oficiais de uniforme vermelho) como se fossem meninas tolas – o que vai ser confirmado com Lydia deixando-se seduzir com as promessas de Wickham. Mantém um relacionamento especial com as duas filhas mais velhas, a primogênita Jane e Elizabeth, mas tem predileção pela segunda. Valoriza tanto a felicidade das filhas, especialmente Elizabeth, que aceita e incentiva a atitude dela, quando declina do pedido de casamento do primo, Mr. Collins – ainda que isso custasse o futuro das filhas, em relação à propriedade deles. Então, aceitou bem e feliz a união de Miss Charlote e Mr. Collins porque: a) livrava a filha Elizabeth de Mr. Collins; b) considerava Miss Charlote como uma filha. Ao longo do texto, pode ser identificado como uma personagem com função secundária, sem uma ação mais relevante na trama, e plana, devido ao seu comportamento padronizado, sem profundidade psicológica e por sua condição social subalterna.

Mr. Willian Collins é primo de Mr. Bennet, personagem secundária, identificado por seu status social de clérigo ou pastor, mas tem uma função importante, porque está em busca de um matrimônio com uma das primas, uma vez que irá herdar a propriedade do primo, Mr. Bennet, que não tem filhos homens, já que suas filhas ainda não tinham se casado e, portanto, não havia um homem, um varão para assumir a propriedade na ausência do patriarca. É alto, com aparência rústica, tem 25 anos, é bondoso, cortês e cheio de elogios para as primas Bennet. Homem observador, olhava para as primas com interesse num casamento e tinha um olhar avaliador para os bens da propriedade, então o golpe do casamento com a prima parecia-lhe “generoso e desinteressado”, por isso foi impetuoso e



oportunista ao pedir para dançar com Elizabeth Bennet no baile de Mr. Bingley – mas não contava com a negativa dela. Tem um certo orgulho por sua educação e seus estudos (pág. 110) além de satisfação em discursar, mas assume que não sabe cantar (pág. 112). Tem um comportamento único no decorrer da narrativa, mostrando-se insensível, bajulador de todo mundo e interesseiro, principalmente de Lady Catherine de Bourgh e Mrs. Phillips – a quem serve e venera, humilhando-se e submetendo-se às ordens da Lady. É um jovem polido e consciente (flexível e equilibrado), que aparece em busca de uma esposa e acaba se casando com Miss Charlotte Lucas – mas ela só aceitou casar com ele, por interesse no *status* social.

Sir Willian Lucas: é uma personagem coadjuvante ou secundária, um negociante que se era tratado como um Mister e se tornou cavalheiro, passando a ser tratado como Sir. É casado com Lady. Lucas. Tem uma casa que funciona como elemento agregador, como ponto de encontro das demais personagens, uma vez que os bailes costumavam acontecer nela, e que foi em um desses eventos sociais que ele e a esposa apresentaram Mr. Bingley a Miss Jane Bennet e Mr. Darcy a Miss Elizabeth Bennet. É uma personagem típica, porque se identifica por sua condição depois da ascensão social, mas deixa claro que com essa mudança social não, não tentou, nem se preocupou em refinar seus modos de acordo como o novo “*status*”, como fica claro no contato com os Bingley. Também é uma personagem plana, porque mantém um comportamento padronizado, sem mudanças ou aprofundamento no decorrer da narrativa, demonstrando ser um homem amistoso e que tenta ser bom anfitrião.

Mr. Hurst: é uma personagem coadjuvante, com comportamento egocêntrico, indolente e preocupado com coisas fúteis, como comer, beber e jogar cartas. Na condição de cunhado de Mr. Bingley, tem mais pose do que possui. É típico, porque é identificado por sua condição social, mantendo um comportamento “padrão”, de um sujeito de sua posição social, e plana, porque mantém um comportamento uniforme, ao longo da narrativa.

Mr. Gardiner: é irmão de Mrs. Bennet, acolhe e cuida atentamente das meninas Bennet, durante a estadia delas em Londres e região. Apesar de uma personagem secundária, assume a função importante, porque acompanha Elizabeth até a mansão de Mr. Darcy, em Pemberly, de guardiã de Miss Georgina Darcy, irmã do protagonista. É personagem típica,



identificado por sua condição social e plana, porque mantém um comportamento padronizado, sem aprofundamento no decorrer da narrativa. No decorrer da narrativa, é descrito como um homem sensível, cordial e cavalheiresco (pág. 151), que, apesar de ser comerciante, era refinado e agradável. Mostra perseverança e bom coração ao se empenhar na busca por Miss Lydia Bennet, quando esta foge com Mr. Wickham.

Mr. Robinson: é uma personagem coadjuvante, com aparição única no quinto capítulo como interlocutor de Mr. Bingley no mesmo momento em que Mr. Bingley e Mr. Darcy estão conversando durante um baile.

Mr. Deny: é um oficial que elogia Meryton e foi responsável pela chegada de Wickham ao condado, assumindo apenas um papel coadjuvante.

CONCLUSÃO

Este trabalho não pretende esgotar a análise das personagens masculinas de *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, mas apresentar mais um estudo crítico a respeito da construção de personagens a partir do olhar feminino da autora inglesa, acreditando que a perspectiva dela colaborou para a mudança na forma de se ver e compreender a sociedade e suas relações – socioeconômicas, afetivas, etc.

Assim, a personagem de Mr. Darcy torna-se tão importante, porque atende ao ideal de “homem romântico”, que povoa o imaginário feminino desde aquela época, uma vez que ele é o estereótipo do herói clássico: nobre, superior e orgulhoso, mas se arrependeu do que fez e das ofensas que disse, e está disposto a se “rebaixar”, casando-se com uma mulher de posição social inferior, e sucumbindo diante de um amor intenso, que superou a razão e o equilíbrio dele. Provavelmente por este motivo, Mr. Darcy continua sendo alvo de tantos olhares e estudos, como um protagonista e como personagem complexo.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. São Paulo, Landmark, 1ª ed. (Edição Bilingue), 2008, (Tradução de Marcella Furtado)



CANDIDO, Antonio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Decio de Almeida, GOMES, Paulo Emílio Sales. *A Personagem de Ficção*. Coleção Debates, 10a edição, São Paulo. Editora Perspectiva, 2002

FERREIRA, Carla Alexandra. Jane Austen revisitada: além de histórias de amor e casamento. In: 1 COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS e 4 COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 1, 2010, Maringá. Jane Austen revisitada: além de história de amor e casamento. Maringá: UEM-PLE, 2010. p. 1-10. Disponível em: <<http://anais.cielli.com.br/ficha>> Acesso: 15 de março de 2012.

FORSTER, Edward M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.

GILBERT, Sandra & SUSAN, Gubar. *The Madwoman in the attic: the woman writer and the Nineteenth –century literary imagination*. Boston: Yale University Press, 1984.

MESQUITA, Samira Nahid de. *O enredo*. São Paulo: Ática. 3ª Ed. 1994.

SOUZA, Dignamara Pereira de Almeida. Contexto da escrita de Jane Austen. In Anais Eletrônicos do IV Seminário Nacional Literatura e Cultura. São Cristóvão/SE: GELIC/UFS, V. 4, 3 e 4 de maio de 2012. ISSN: 2175-4128. Disponível em <<http://livrozilla.com/doc/1366102/contexto-da-escrita-de-jane-austen> >Acessado em 17/04/2017.

ZARDINI, Adriana. O universo feminino nas obras de Jane Austen. Revista Em Tese, v. 17 n. 2. mai/ago 2011, Letras / UFMG Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/download/3731/3695> >. Acessado em 17/06/2017.

WILSON, Jennifer Preston. **“One has got all the goodness, and the other all the appearance of it”: The Development of Darcy in *Pride and Prejudice***. Jane Austen Society of North America. V.25, NO.1. Winter 2004. Disponível em: <<http://www.jasna.org/persuasions/online/vol25no1/wilson.html>>. Acessado em 17/06/2017.

WOOLF, Virginia. Jane Austen. In: WATT, Ian. *Jane Austen: A Collection of critical essays*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, INC., 1963.

_____. Um teto todo seu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. (Tradução de Vera Ribeiro)

<http://www.pemberley.com/janeinfo/ppdrmtis.html>



A CRÍTICA DA RAZÃO E DA SENSIBILIDADE EM JANE AUSTEN: UMA ANÁLISE SOBRE O COMPORTAMENTO FEMININO EM SOCIEDADE

Marcelle Santos Vieira Salles
Jane Austen Sociedade do Brasil
marcellesvs@gmail.com

INTRODUÇÃO

Um dos temas bastante salientados pela escritora Jane Austen em suas obras, refere-se ao comportamento feminino em sociedade. As atitudes de natureza precipitada, indelicada e imprudente, entre outras características comportamentais, são focos de críticas e vastas análises estruturadas pela escritora, nos levando a refletir sobre a necessidade de exercitar antigos padrões de crítica em relação à moral e ao comportamento social em nossa época.

Diante disso, o presente artigo visa analisar a crítica austeniana acerca do comportamento feminino, por meio da obra “Razão e Sensibilidade”

Na primeira parte do texto serão transmitidas breves noções sobre atitudes e comportamentos sociais, a fim de conhecer - mesmo que superficialmente -, alguns conceitos importantes desta vertente do campo da psicologia.

Em seguida, será analisada a estrutura da crítica elaborada pela escritora Jane Austen, a fim de se compreender, em linhas gerais, como o pensamento racional acompanhou o desenrolar de suas obras, em especial no livro Razão e Sensibilidade.

Após esta análise, um resumo biográfico da vida de Jane Austen será visitado, com o objetivo de demonstrar como os valores educacionais e familiares estiveram arraigados à história desta mulher que foi uma das maiores escritoras da língua inglesa.

Proseguindo com o propósito do estudo, serão apresentados dez perfis e opiniões de mulheres da sociedade atual que foram entrevistadas com o intuito de contrastar suas opiniões a respeito do comportamento feminino no contexto atual, em relação às críticas elaboradas por Austen há mais de duzentos anos.



As conclusões apontam críticas à vulgarização do corpo feminino, o desapego aos princípios familiares, a busca incessante pelos direitos igualitários em relação aos homens x a persistente dependência emocional e subserviência doentia de determinadas mulheres aos seus companheiros, como sendo os principais comportamentos ultrajantes na visão das mulheres contemporâneas.

ATITUDES E COMPORTAMENTOS SOCIAIS

Segundo Skinner (1974) estamos familiarizados ao assunto “comportamento”, uma vez que nos deparamos constantemente na presença de pelo menos um organismo que se comporta. É válido ressaltar ainda que o comportamento é uma característica primordial dos seres vivos, em consonância à nossa identificação com a vida propriamente dita.

Rodrigues (1981) em sua obra intitulada *Psicologia Social* afirma que as atitudes das pessoas são bons preditores de comportamentos. “Em outras palavras, o conhecimento das atitudes de uma pessoa em relação a determinados objetos permite que se façam inferências acerca de seu comportamento” (RODRIGUES, 1981, p.383). O autor ainda conferiu a seguinte definição para as atitudes:

(...) as atitudes são variáveis intervenientes diretamente inferíveis de observáveis, e que constituem uma organização cognitiva duradoura, que envolvem um componente afetivo pró ou contra determinado objeto, e que predispõem à ação. Embora as atitudes isoladamente consideradas possam levar a predições errôneas do comportamento, não há dúvida de que muitas vezes se pode prever o comportamento através do conhecimento da atitude, sendo isto tão mais fácil quanto mais simples for a situação considerada. Situações complexas, onde atitudes em relações a vários objetos atitudinais, inclusive a própria situação, tornam mais difíceis as previsões de comportamento. (RODRIGUES, 1981, p.407 e 408).

No que tange ao comportamento social, Skinner (1974) argumenta ainda que ele se dá entre duas ou mais pessoas em relação a uma outra ou em conjunto em relação ao ambiente comum. Vale ressaltar que o comportamento social origina à medida em que um organismo é importante para outro como parte de seu ambiente. Adicionalmente, o autor ainda afirma:



“É sempre o indivíduo que se comporta com o mesmo corpo e de acordo com os mesmos processos usados em uma situação não social. (...) O comportamento do indivíduo explica o fenômeno do grupo”. (SKINNER, 1974, p. 171).

A CRÍTICA EM JANE AUSTEN

O romance *Razão e Sensibilidade*, publicado por Jane Austen em 30 de outubro de 1811 é repleto de análises críticas sobre o comportamento humano, especialmente dirigido ao comportamento feminino em sociedade. Tal apego a esta estrutura de pensamento que pode ser observada ao longo desta obra em particular, demonstra a forte inclinação da escritora por uma postura crítica em relação às atitudes contempladas nos ambientes sociais daquela época.

Tendo em vista então esta forte percepção crítica, racional e sensível por parte dessa mulher, que se tornou um ícone da literatura mundial, é válido dedicar um breve reconhecimento acerca do tratado elaborado por Immanuel Kant em relação à crítica do pensamento racional.

Kant (1987) considera que todo o nosso conhecimento inicia com a experiência. No entanto, apesar de todo o nosso conhecimento iniciar por meio da experiência, nem por isso todo ele se origina unicamente dela. Existem conhecimentos denominados *a priori*, que são diferentes dos empíricos, possuidores de fundamentos *à posteriori*, ou seja, da experiência. Muitos destes conhecimentos residem nos juízos e nos conceitos que fazemos das coisas, pessoas ou situações ao redor, como pode ser citado abaixo:

Mas embora todo o nosso conhecimento comece *com* a experiência, nem por isso todo ele se origina justamente *da* experiência. Pois poderia bem acontecer que mesmo o nosso conhecimento de experiência seja um composto daquilo que recebemos por impressões e daquilo que a nossa própria faculdade de conhecimento (apenas provocada por impressões sensíveis) fornece de si mesma, cujo aditamento não distinguimos daquela matéria-prima antes que um longo exercício nos tenha tornado atento a ele e nos tenha tornado aptos à sua abstração. (KANT, 1987, p.25).

É importante ainda salientar, do ponto de vista kantiano, que determinados conhecimentos abandonam a realidade possível das experiências, alçando os juízos a um patamar acima de todos os limites da experiência, por meio de conceitos aos quais em parte



alguma pode ser conferido um objeto correspondente na realidade. Kant salienta também que a capacidade de julgar é um talento particular que não pode ser ensinado, mas somente exercitado. “A capacidade de julgar, por conseguinte, é também o específico do assim chamado senso comum, cuja falta nenhuma escola pode remediar” (KANT, 1987, p. 98).

O filósofo afirma ainda:

(..) a razão é a faculdade que fornece os princípios do conhecimento a priori. Por isso, a razão pura é aquela que contém os princípios para conhecer algo absolutamente a priori (KANT, 1987, p. 34).

Tal reconhecimento fornecido por Kant provoca a reflexão sobre a postura crítica de Austen, carregada de juízos e conceitos, que podem ser interpretados tanto como sendo conhecimentos a priori, quanto empíricos. Isto porque não se pode afirmar categoricamente que todas as críticas apontadas pela escritora em sua obra, partiram expressamente de experiências anteriores em relação ao comportamento de outras mulheres na sociedade.

Convém explicar que a obra *Razão e Sensibilidade* centraliza seu enredo nas vidas de duas irmãs: Elinor e Marianne Dashwood. No que diz respeito à primeira, todos os traços comportamentais descritos por Austen no livro evocam um temperamento racional e centrado. Em relação à segunda, pode-se afirmar que a sensibilidade dominava grande parte das atitudes e comportamentos desta personagem. Sobre estes aspectos, Kant considera:

Como introdução ou advertência parece necessário dizer apenas que há dois troncos do conhecimento humano que talvez brotem de uma *raiz comum*, mas desconhecida a nós, a saber, *sensibilidade* e *entendimento*: pela primeira objetos são nos *dados*, mas pelo segundo são *pensados*. Ora, na medida em que a sensibilidade devesse conter representações a priori, as quais perfazem a condição sob a qual nos são dados objetos, pertenceria à filosofia transcendental. A doutrina transcendental dos sentidos teria que pertencer à primeira parte da ciência dos elementos, pois as condições sob as quais unicamente os objetos do conhecimento humano são dados precedem aqueles sob os quais os mesmos são pensados (KANT, 1987, p.36).

Seguem relatados os traços gerais dos perfis das personagens Elinor e Marianne Dashwood, considerando os trechos da obra *Razão e Sensibilidade*:



Elinor Dashwood: A Razão



“Elinor, a filha mais velha (...), possuía uma força de entendimento e uma frieza de julgamento que a qualificavam, embora tivesse apenas dezenove anos, para ser a conselheira da mãe e lhe permitiam com frequência opor-se, para proveito de todos, àquela impaciência de espírito da Sra. Dashwood que em geral a levava cometer imprudências. Tinha um excelente coração, um temperamento afetuoso e sentimentos fortes; mas sabia como governá-los. Isso era algo que a mãe ainda tinha de aprender e que uma de suas irmãs resolvera que jamais lhe seria ensinado (AUSTEN, 2010, p.11)”.

Ilustração: <http://hugheshunter5.deviantart.com>

Marianne Dashwood: A Sensibilidade (Sentimento)



“As habilidades de Marianne eram, sob muitos aspectos, bastantes semelhantes às de Elinor. Era sensível e inteligente, mas intensa em tudo; suas angústias, suas alegrias não tinham limites. Era generosa, agradável, interessante: era tudo menos prudente. A semelhança entre ela e a mãe era impressionantíssima. Elinor via com preocupação a sensibilidade excessiva da irmã; já a Sra. Dashwood a apreciava e alimentava. Encorajavam-se uma à outra na violência de suas ansiedades. A agonia e a aflição que no começo as subjugava era propositadamente renovada, preocupada, recriada sempre. Entregavam-se totalmente à angústia, procurando a maior infelicidade em cada reflexão que a pudesse proporcionar e decidiram-se nunca aceitar nenhum tipo de consolação no futuro (AUSTEN, 2010, p.11)”.

Ilustração: <http://hugheshunter5.deviantart.com>



Apesar da obra *Razão e Sensibilidade* centralizar seu enredo na saga das duas personagens descritas acima, a autora percorre com suas críticas os comportamentos de todas as demais figuras femininas que fazem parte do contexto do livro. Boa parte destas críticas serão analisadas mais adiante, quando comparadas às opiniões de dez mulheres da sociedade atual.

RESUMO BIOGRÁFICO: JANE AUSTEN



Jane Austen nasceu em 16 de dezembro de 1775 em Steventon, Hampshire, Inglaterra, sendo a sétima filha do reverendo George Austen, o pároco anglicano local, e de sua esposa Cassandra. O reverendo Austen era uma espécie de tutor, e suplementava os ganhos familiares dando aulas particulares a alunos que residiam em sua casa. A família era formada por oito irmãos, sendo Jane e sua irmã mais velha, Cassandra, as únicas mulheres. Cassandra e Jane eram confidentes, e hoje se conhece uma série de cartas de sua correspondência. Jane Austen é considerada a maior escritora de todos os tempos, de acordo com sua jornada de vida que arrasta milhões de fãs por todo o mundo e encanta a todos com sua literatura épica.



Torna-se difícil precisar o momento em que Jane Austen começou a escrever. A existência de cadernos de notas contendo relatos assinala que o talento despertou em tenra idade. Em 1791, aos 16 anos, já dispunha de um bom número de exemplares armazenados; seus primeiros trabalhos se caracterizam por ser de uma extensão ligeiramente inferior às suas obras mais maduras, e por estarem em um inglês mais simples, fácil e livre de ornatos próprios de muitos escritores. Sabe-se que o reverendo Austen tinha uma ampla biblioteca e, segundo relatos de Jane em suas cartas, tanto ela quanto sua família eram “ávidos leitores de romances, e não se envergonhavam disso”.

Sendo de uma família que promovia a aprendizagem, a leitura e as letras, Austen desenvolveu um talento especial que a levou ao desejo de compor textos, sempre representando neles os valores familiares que ela achava importantes. Em sua concepção de educação, tal como expressou em seus romances, o modelo dos pais exemplares era suficiente para moldar a boa conduta dos filhos.

Durante a época de Jane Austen não existia um sistema de educação propriamente dito, e a educação das crianças era feita nas escolas dominicais, ou, no caso das famílias mais abastadas, por meio de tutores. Por outro lado, existiam algumas “escolas para damas”, que tinham má reputação, pois ofereciam uma educação deficiente. Também era comum mandar os filhos homens para viver na casa de um tutor, como o era o pai de Jane Austen. Crescendo nessa casa, pode-se supor que a autora foi uma mulher bastante instruída para o seu tempo.

Há muitas passagens na obra de Jane Austen dedicadas aos “talentos”, porém, se há algo que todas as obras tem em comum é que nenhuma de suas heroínas está muito interessada por eles. Por talentos, então, se pode entender as diferentes habilidades que uma mulher que busca marido deve cultivar para atrair a atenção dele.

Jane Austen advoga, em seus romances, por uma educação liberal para a mulher, independente de todos esses “talentos”, pois considera a falta de sensatez um grande risco para a vida social, para a escolha de um futuro favorável, e para a convivência conjugal.

Jane Austen faleceu em 18 de julho de 1817, aos 41 anos. Ela jamais se casou.



A CRÍTICA DA RAZÃO E DA SENSIBILIDADE: UMA ANÁLISE SOBRE O COMPORTAMENTO FEMININO EM SOCIEDADE

Neste capítulo será realizado um paralelo entre as opiniões de dez mulheres contemporâneas em relação às críticas elaboradas por Austen em sua obra Razão e Sensibilidade, a respeito do comportamento feminino em sociedade. As respostas foram obtidas por meio de um questionário enviado eletronicamente. A escolha da amostra baseou-se no padrão adequado de comportamento feminino, na visão da autora deste artigo.

Com o propósito de compreender melhor os modelos mentais dessas mulheres por meio das suas críticas ao comportamento feminino em sociedade, buscou-se antes saber um pouco a respeito da história de vida, formação familiar e educacional, bem como das suas preferências literárias, culturais e musicais. Em seguida, foi questionado a respeito dos comportamentos incentivados e reprimidos em suas estruturas básicas de educação. Os resultados, embora reflitam o comportamento feminino na sociedade atual, se assemelham em muitos aspectos às críticas elaboradas por Austen há duzentos anos.

Respeitando o código de ética das pesquisas qualitativas, as identidades dessas mulheres serão preservadas. As respostas serão demonstradas com os códigos R1 a R10

ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS RESPOSTAS

R1

	<p>Resumo biográfico</p> <p>Sou brasileira, nascida em Belo Horizonte, MG. Sou a caçula de uma família de 5 irmãos, sendo 3 homens e 2 mulheres.</p> <p>Tenho ensino superior, sou formada em Arquitetura pela EAUFMG.</p> <p>Gosto muito de MPB e POP internacional.</p> <p>Gosto muito de cinema, principalmente os filmes europeus e asiáticos.</p> <p>Não tenho muito o hábito da leitura, mas gosto muito de livros de ficção.</p>
<p>Principais comportamentos incentivados</p> <p>Aceitar e encarar os desafios que a vida nos impõe, seja no plano pessoal, seja no</p>	



plano profissional; respeitar o próximo, acima de tudo, não fazendo com os outros o que não quero que façam comigo; escutar mais do que falar, pois é por este motivo que temos uma boca e dois ouvidos.

Principais comportamentos reprimidos

Não sei se posso classificar como repressão, mas os ensinamentos sobre drogas foram muito importantes na minha vida, pois, devido a eles, nunca tive a mínima vontade de experimentá-las.

Esse ensinamento me foi transmitido pelos meus pais e tias, reprimindo a ida a determinados locais que, a princípio, pareciam inofensivos, mas, alertada por eles, fiquei sabendo serem reduto de usuários de drogas, como, por exemplo, a pracinha localizada perto da casa dos meus avós, onde passei grande parte da minha infância.

Críticas aos comportamentos ou atitudes das mulheres na sociedade atual

Incomodam bastante a vulgarização e a precocidade da sexualidade feminina, com adolescentes expondo-se em palcos de funk, fazendo danças erotizadas diante de câmeras, para, intencionalmente, divulgar as imagens na internet.

A falta de amor próprio também é muito séria atualmente, quando as mulheres se submetem a relacionamentos sem respeito por parte de seus companheiros, e não fazem nada para mudar a situação, seja enfrentando o problema, de forma a tentar mudar o comportamento do companheiro, ou, até mesmo, dizendo não à relação, e optando por ficarem sozinhas, em vez de ficarem em um relacionamento doente.



Críticas Austenianas

Em relação à vulgarização da mulher em sociedade, encontramos na obra *Orgulho e Preconceito* um vasto relato crítico sobre as irmãs caçulas da família Bennet, que eram consideradas modelos de futilidade e de moças levadas a qualquer vento para conquistar os oficiais da Milícia em Meryton. Contudo, em *Razão e Sensibilidade*, não há tantas considerações como as referidas em *Orgulho e Preconceito*, a não ser de forma breve em relação aos comportamentos das Srtas. Steeles as quais veremos mais adiante. No entanto, vale abordar aqui a figura da Sra. Palmer; o modelo de esposa com total falta de amor próprio e mal tratada pelo marido, sendo objeto de crítica pela autora, conforme segue: “(...) Era impossível ter melhor coração ou estar mais decidida a ser feliz do que a Sra. Palmer. A indiferença, a insolência e o descontentamento propositais do marido não a magoavam, e, quando ralhava com ela ou a maltratava, ela parecia divertir-se muito (AUSTEN, 2010, p. 73)”.

“Elinor mal pudera tirar da cabeça os últimos visitantes, mal deixara de se assombrar com o fato de Charlotte ser tão feliz sem motivos e de o Sr. Palmer agir de maneira tão grosseira, tendo boas qualidades, e com a estranha



incompatibilidade que muitas vezes existia entre marido e mulher (AUSTEN, 2010, p. 77)".

R2



Resumo biográfico

Minha família é de origem do interior de MG. Meu avô foi um grande fazendeiro, numa época em que o que se tinha valor era a terra. Teve vinte e um filhos, dos quais meu pai é o mais velho e, portanto, o que recebeu uma educação menos favorecida a nível de educação escolar. Em contrapartida, sua avó, que era de origem inglesa, veio morar com eles na fazenda, onde fundou uma escolinha para ensinar os filhos dos funcionários a ler e escrever. Graças a ela, meu pai que só estudou dois anos, é um homem muito inteligente, embora sem diploma.

Então, fui o misto da educação que meus pais receberam. Escola não tinha prioridade, leitura e conhecimento depois do trabalho e de preferência para melhorar o "trabalho", este que começava muito cedo mesmo, tipo seis, sete anos. Mas também tínhamos mais liberdade para conhecer as coisas, talvez porque desde cedo já ganhávamos a confiança. Um exemplo: dirijo desde os onze anos, saía de caminhão para colher a mercadoria que seria levada ao Ceasa, tinha a senha do cofre, a chave do carro e de casa, mas era tanta responsabilidade que nem pensava em abusar.

Minha mãe, submissa e trabalhadora, cuidava dos filhos e da casa com amor, o que não era pouco, viu.

Contando assim parece que tenho 200 anos, não é? A verdade é que no interior ainda se cultiva alguns valores que na capital nem sonhamos, ou só sonhamos.

Me casei muito nova (criada assim, é o que acontece) vim morar em BH, e minha paixão por livros aumentou, sem falar que hoje já é possível comprá-los, deixou de ser artigo de luxo, o que agradeço a Deus.

Principais comportamentos incentivados

Recebi uma educação rígida. Moça respeitada não saía sozinha de jeito nenhum com namorado, a não ser que levasse a irmã. No meu caso, todos já estavam longe, então, sobrei. Só conversávamos em grupo, tipo todos da mesma idade, entende, não participávamos da conversa de adultos, nosso grupo era separado e embora aprendi cedo coisas para ser independente, meu pai me colocava na posição de dependência. Não sei se estou conseguindo me expressar adequadamente, espero



que entenda.

Tem muita coisa que faço que nem sei, mas é reflexo dessa educação: respeito, prudência, humildade, simplicidade, receptividade, sinceridade, fidelidade, honestidade.... No interior seu nome é o que mais pesa: ah, você é filho de Ciclano, vem cá, seu pai é meu amigo, aí vai....

Principais comportamentos reprimidos

É claro que teve muita repressão, como já disse: não sair muito, escolher bem amizades, não se relacionar com mulheres em condição muito diferente, tipo, adolescente com mulher separada, ou mãe solteira nem pensar, só socialmente, conviver não. Namorados de boa família, trabalhador, e tal...

Se fui reprimida, não sinto falta realmente, acho que concordo com 90% do que vivi e passo essa mesma educação para minhas filhas. Sinto falta do estudo, isso estou consertando nelas, é claro que depois que me casei deveria ter estudado, mas não era mais prioridade naquele momento, e o tempo foi passando.

Críticas aos comportamentos ou atitudes das mulheres na sociedade atual

Hoje me incomoda muito que as mulheres estão tomando espaço demais, sobrecarregando e ficando com o tudo que já era dela. Há uma pressão social invisível que projeta uma mulher maravilha que não existe. Você tem que ser boa profissional, boa esposa, dona de casa, mãe, filha, amiga e linda, e às vezes não dá, mas se você falha em algum ponto, te cobram muito. Acho que a mulher também está confundindo liberdade com libertinagem. Reclamou tanto do homem, mas hoje faz o mesmo: dorme com vários homens, mas ainda espera um príncipe encantado, mas se ele tiver algum defeito, mesmo que seja insignificante, por sua intolerância o chama de sapo, e sai fora, onde vai começar a mesma história, mas não consegue ver.



Críticas Austenianas

No que concerne ao aspecto libertinagem, para aquela época em que foi escrito o livro Razão e Sensibilidade, era bastante ofensivo para Elinor ver sua irmã Marianne tendo uma postura tão liberal com um homem que nem ainda havia formalizado qualquer compromisso com ela. Diante disso, se seguiu a repreensão de Elinor para com Marianne: "Elinor não podia surpreender-se com o apego de um com o outro. Só preferiria que ele fosse demonstrado menos abertamente, e uma ou duas vezes se arriscou a sugerir a Marianne que ela tivesse mais autocontrole. Entretanto, Marianne odiava toda dissimulação quando nenhuma desgraça real pudesse advir da franqueza, e visar à moderação de sentimentos que não sejam em si mesmos pouco louváveis, parecia-lhe não só um esforço desnecessário, mas uma vergonhosa sujeição da razão a noções vulgares e absurdas. Willoughby era do mesmo parecer e o comportamento



deles era o tempo inteiro uma ilustração das suas opiniões (AUSTEN, 2010, p. 38 e 39)”.
deles era o tempo inteiro uma ilustração das suas opiniões (AUSTEN, 2010, p. 38 e 39)”.

R3



Resumo biográfico

Eu nasci em Gov. Valadares, porém, vivo em BH desde os dois anos de idade. Meus pais foram pessoas muito humildes, meu pai pedreiro e minha mãe costureira. Eles tiveram 7 filhos, dos quais sou a mais nova. Meus pais já faleceram, assim como, dois irmãos. Hoje tenho 3 irmãos (duas irmãs e um irmão) que vivem em Lagoa Santa e uma irmã que vive com sua família em Ilhabela-SP.

Eu fui a única pessoa da minha família que quis estudar, por isso, quando eu tinha 17 anos e meus pais mudaram-se para Lagoa Santa optei por ficar em BH pois já trabalhava e queria dar continuidade aos estudos. Sempre adorei estudar. Lembro que quando muito pequena (com 5 ou 6 anos) chorava nos finais de semana para ir para a escola. Vivi muitos anos em repúblicas e morei com parentes. Essa parte foi bastante difícil, mas não tenho nenhum trauma com isso, foi complicado, mas por outro lado aprendi muito e quando pude comprar meu primeiro apartamento o sabor foi muito especial.

Sou divorciada, depois de ficar casada por 5 anos. Não tenho filhos, mas durante muito tempo sonhei em tê-los. Como não foi possível por questões naturais, aceitei a ideia e hoje me sinto livre para realizar as coisas que gosto, principalmente viajar. Trabalho numa instituição financeira há 23 anos e acredito que construí uma boa carreira profissional, além de ser sempre reconhecida pelo trabalho que desenvolvi.


Sou formada em comunicação na área de Publicidade, tenho uma pós-graduação em Marketing e um mestrado em Administração.

Atualmente o meu hobby é fazer cursos de história da arte, viajar e estudar italiano. Sou fascinada pelas diversas áreas da cultura: cinema, literatura, teatro, artes plásticas, artes visuais, música, entre outras.

Gosto de música boa e, por isso, passeio por diversos estilos: MPB, jazz, blues, pop internacional, música erudita (me tornei há dois anos assinante da orquestra filarmônica e tenho gostado cada vez de música clássica e ópera).

Gosto de filmes de arte e clássicos. Não gosto de filmes de terror e comédias rasas).



	<p>Leio diversos tipos de livros, mas não gosto muito de autoajuda e, muitas vezes, tenho preguiça dos bestsellers. Ultimamente comecei a ler mais poesia e estou gostando muito.</p>
<p>Principais comportamentos incentivados</p> <p>Minha família sempre teve valores muito arraigados, muitos deles advindos da religião (católica). Na minha família todos aprendemos muito cedo: ética, respeito, generosidade, amor ao trabalho, etc. Fomos todos criados na certeza inabalável da existência e grandeza de Deus. Aprendemos tudo isso, com o exemplo dos meus pais, que foram pessoas maravilhosas e muito especiais.</p>	
<p>Principais comportamentos reprimidos</p> <p>A questão sexual é sem dúvida o comportamento em que eu e minhas irmãs sofremos mais repressão. A maior parte dos tabus e proibições sempre tinha a ver com a religião e o pecado sempre esteve em evidência na forma como fomos educadas e, infelizmente, em nosso subconsciente. Até hoje, aos 46 anos, eu ainda não alcancei a plenitude em relação às questões sexuais, apesar de trabalhar a questão durante muitos anos na psicoterapia.</p>	
<p>Críticas aos comportamentos ou atitudes das mulheres na sociedade atual</p> <p>Acho que nos mulheres hoje vivemos uma serie de dicotomias: queremos ser livres, mas muitas vezes não sabemos o que fazer com liberdade; queremos nos parecer e estar em pé de igualdade com os homens, muitas vezes agimos de forma a reforçar o “machismo da sociedade”; Somos independentes, mas ainda sonhamos com um homem muito parecido com o príncipe encantado. E por aí vai...mas, acho que no erro e acerto, estamos encontrando o nosso caminho e devagar, bem devagar, estamos descobrindo o que nos faz feliz.</p>	
	<p>Críticas Austenianas</p> <p>A opinião desta entrevistada se assemelhou e muito à resposta dada por R2. Desta forma, a liberdade que é tão almejada pelas mulheres na sociedade atual é paradoxal, já que o feminino permanece preso à espera do homem perfeito, como era também observado no passado. Mas vale ressaltar que o aspecto biográfico de R3 é muito interessante e se assemelha à visão de Austen, no que tange à importância que a autora concedia ao aspecto educacional para a formação da mulher.</p>



Resumo biográfico

Minha família é natural de Pedro Leopoldo / MG e logo que meus pais se casaram vieram para BH. Meu pai é formado em Administração de Empresas, era concursado da Cemig e trabalhou a vida toda lá, hoje está aposentado. Minha mãe é formada em História e Geografia, trabalhou como professora, mas parou de trabalhar quando ainda éramos adolescentes. Tenho um irmão mais novo, que é concursado da Infraero e trabalha no Aeroporto de Confins. Ele é casado e ainda não tem filhos. Sou casada há 2 anos e meio, meu marido é formado em Direito e concursado do TRT. Sou formada em Psicologia há 9 anos e pós graduada em Gestão de Pessoas.

Desde pequena gosto de ler e sempre estou com algum livro na minha cabeceira. Gosto de ler sobre tudo, mas os gêneros que mais me interessam são suspenses, romances e livros relacionados com a minha formação acadêmica.

Adoro música, fui bailarina clássica e esse mundo me encanta. Na minha casa meus pais sempre ouviram muita MPB, Beatles e Frank Sinatra. Então posso dizer que meu gosto musical é bastante eclético, ouço de tudo e aprecio uma boa música.

Principais comportamentos incentivados

Estudei em uma escola construtivista durante a minha formação básica e acredito que muito do que sou hoje vem daí. O apreço pelo coletivo, a importância da brincadeira, da construção diária daquilo que somos, da liberdade com limites bem definidos, são questões que fizeram parte do nosso universo. Na minha casa a responsabilidade sempre foi um dos pilares da nossa educação e também a união em família. Valores estes que fazem parte do meu dia a dia e que certamente caminharão comigo no momento de construir a minha família. Minha mãe parou de trabalhar relativamente cedo, mas sempre incentivou a importância dos estudos e de termos um trabalho que nos dignifique. Meu pai sempre foi um grande exemplo disso para nós. Conseguiu estudar em tempos difíceis, ter um bom emprego e manter uma família em tempos de crise. Nosso lazer vinha sempre em primeiro lugar e os programas em que pudéssemos estar todos juntos.

Minha família é um grande apoio para minhas decisões, para que possa caminhar tranquila.

Principais comportamentos reprimidos

Os comportamentos que foram reprimidos eram aqueles que os meus pais não consideravam corretos, como falta de educação e falta de respeito com os outros, "birras", brigas entre irmãos, desavenças na escola, etc. Meus pais eram bravos, o que podia, podia, mas o que era errado nunca foi bem vindo na minha casa. Quando pequenos, ficávamos de castigo (ficávamos no cantinho do pensamento como se diz hoje) e quando maiores vieram as conversas em tom de "bronca".



Hoje é diferente, os pais conversam mais, dão exemplos, as crianças tem mais acessos e por isso a educação precisa ser diferente. Naquela época “não podia” e pronto.

Críticas aos comportamentos ou atitudes das mulheres na sociedade atual

São as desigualdades que ainda existem no contexto organizacional, as diferenças salariais, os preconceitos em relação a cargos de liderança, etc. Nunca passei por uma situação desse tipo, mas sei que isso ainda acontece. Já caminhamos muito em relação a essa situação, mas ainda existem as diferenças.

Um outro ponto que me incomoda é a exposição exagerada da figura da mulher como “objeto”, principalmente nas grandes mídias. É um menosprezo total ao que conquistamos até hoje, deixa de ser feminino, de ser bonito, perdemos o “tom” da sensibilidade e da capacidade de nos relacionar no momento em que esse tipo de situação passa a ser altamente valorizado.

Críticas Austenianas

O relato de R4 acerca dos principais comportamentos reprimidos em sua infância, especialmente quanto à educação que recebeu dos seus pais, faz um contraste à condução da autoridade sobre os filhos da personagem Lady Middleton em Razão e Sensibilidade. Austen expõe a total incapacidade de Lady Middleton na educação dos seus filhos, quando lê-se: “Lady Middleton só pareceu animar-se com a entrada de seus quarto ruidosos filhos depois do jantar, que a puxaram de um lado para o outro, rasgaram sua roupa e puseram um ponto final em todo tipo de conversa, exceto as relacionadas a eles” (AUSTEN, 2010, p. 28)



“A consternação da mãe foi infinita (...) Com tal prêmio pelas lágrimas, a menina era esperta demais para cessar de chorar. Continuou gritando e soluçando bem alto, deu pontapés nos dois irmãos que tentaram tocar nela, e todos aqueles cuidados unidos não deram resultado até que, lembrando por sorte Lady Middleton que numa cena de aflição semelhante na semana passada fora aplicada com sucesso uma geléia de damasco numa têmpora arranhada, o mesmo remédio foi prontamente proposto para aquele infeliz arranhão, e, ao ouvir aquilo, um breve intervalo entre os gritos da mocinha deu motivos de esperança que não podiam ser desprezados”. (AUSTEN, 2010, p. 79)



Resumo biográfico

Meus pais são de Pernambuco, eu nasci e cresci em Belo Horizonte. Meus pais se separaram quando tinha 07 anos, tenho mais dois irmãos , o meu irmão mora no rio de janeiro com meu pai, e a minha irmã é casada e tem dois filhos.

Formação: 1º grau escola publica, 2º grau técnico em contabilidade, superior em Ciências contábeis e pós-graduação em controladoria e auditoria.

Preferência de Musica: Sertaneja

Gosto muito de assistir filme, seriado e de ir no cinema. Gosto de filmes históricos e de ação. E também gosto de futebol.

Obras literárias: gosto de ler, mas demoro para ler um livro inteiro, prefiro ler artigos, revistas ou partes do livro que mais me interessa. Gosto de livros de historias reais, não gosto muito de ficção.

Principais comportamentos incentivados

Meus pais se separaram quando tinha 07 anos, tive muito pouco contato com meu pai , ele viajava muito, alem de ser muito calado também.

Principal comportamento que minha mãe repassou foi para estudar e valores em relação a família.

Minha mãe repassou esse valores incentivando nos estudos e passando valores da família.

Principais comportamentos reprimidos

Minha mãe sempre reprimiu meu lado mais aventureiro dizendo que não era coisa para mulher, querendo proteger demais os pais acaba podendo muitos desejos .

Na adolescência tinha vontade de fazer capoeira e Kung-fu, mais fui criticada pela minha mãe por ser esporte de homem, por isso não fiz. Depois veio faculdade, trabalho e deixei de lado o que queria fazer por falta de tempo.

Críticas aos comportamentos ou atitudes das mulheres na sociedade atual

Acho lamentável como as mulheres perderam parte da dignidade, respeito e amor próprio, fazem qualquer coisa para conseguir um companheiro. A família perdeu muito valor.



Críticas Austenianas

No que concerne ao depoimento de R5 a respeito da falta de amor próprio das mulheres com o objetivo de conseguir ou manter um companheiro, Austen permite que a personagem Marianne se arrependa do seu comportamento passado em que reverberou uma conduta semelhante à citada pela entrevistada: “Minha doença me fez refletir. Deu-me tempo e tranquilidade para pensar seriamente. Muito antes de estar recuperada o bastante para falar, já podia perfeitamente refletir. Examinei o passado: vi em meu próprio comportamento, desde o começo do nosso relacionamento com ele (Willoughby) no outono passado, nada mais que uma **série de imprudências contra mim mesma**⁸ e falta de bondade com os outros. Vi que meus próprios sentimentos prepararam os meus sofrimentos e que a minha falta de firmeza com eles quase me levou ao túmulo. Minha doença, eu bem sabia, foi inteiramente provocada pela negligência de minha própria saúde, de um modo que já na época eu sentia ser errado. Se tivesse morrido, teria sido autodestruição. Não percebi o perigo até que ele fosse extirpado; mas como os sentimentos que essas reflexões provocaram em mim, admira-me ter me recuperado, admira-me que a própria força de meu desejo de viver, de ter tempo para fazer penitência ante meu Deus e vocês todos, não me haja matado imediatamente”. (AUSTEN, 2010, p. 212)

R6



Resumo biográfico

Tenho 38 anos. Nasci em Brasília, em um lar cristão de classe média. Meus pais foram criados e também criaram a mim e meus irmãos na igreja presbiteriana. Tenho muitas recordações de momentos de aprendizado que vivi na Escola Dominical.

Minha mãe é quatro anos mais velha que meu pai e quando os dois se casaram já estavam grávidos de meu irmão. Na época meu pai estava terminando o curso de medicina e minha mãe já lecionava como professora no Jardim de Infância.

Conta-se que quando cheguei, ao saber que eu era uma menina, meu irmão chorou decepcionado, pois esperava

⁸ Grifo feito pela autora do artigo



por um irmão; um menino que o acompanhasse em suas brincadeiras. Mas não teve jeito, depois de mim, passados mais três anos, nasceu minha irmã. E ele seguiu "reinando" em suas regalias de "irmão" e "mais velho".

Estudei em escola pública nos primeiros anos, depois a partir da 4ª série fui para um colégio Salesiano e no ensino médio mudei para o Objetivo, um colégio mais focado no ensino para o vestibular. Tive sempre acesso a atividades físicas como aulas de dança e natação. E também tive oportunidade de aprender música e inglês, embora não tenha sabido aproveitar como deveria. Sempre fui muito tímida e ter que tocar um instrumento ou falar inglês na frente do restante da turma, era o tipo de situação desconfortante demais para mim.

Minhas atividades preferidas, desde cedo, sempre foram ler, ouvir música, cantar, brincar de bonecas e casinha, desenho e todo tipo de atividade manual. Ouvia principalmente MPB e música cristã. Gostava demais de ler, especialmente, os livros que contavam histórias de pessoas.

Fiz faculdade de Psicologia no UNICEUB – Brasília (particular). Tranquei o curso quando faltava um semestre para me formar, a fim de viver uma experiência missionária na Escócia. Morei lá por nove meses, sendo os últimos três na casa de uma família escocesa. Foi uma experiência rica e marcante, um tempo de discipulado intenso. Tive oportunidade de conhecer outros países como Escócia, Inglaterra, Suíça, França e Bélgica, embora, em curtas viagens. Foi o bastante para perceber como é grande esse mundo e quão diversas são as possibilidades de existência nele... E como somos responsáveis pela maneira como vivemos e onde vivemos... Isso é o que na verdade torna qualquer lugar especial.

Quando retornei, acabei o meu curso de Psicologia. Casei com um seminarista. Meu esposo se tornou pastor. Tive a benção de conhecer a maternidade com minhas duas pérolas gêmeas. Mudei de Brasília para Belo Horizonte, novamente com uma motivação e um propósito missionário. E, finalmente, me especializei em Arteterapia.

Principais comportamentos incentivados

Minha formação como pessoa foi bastante influenciada pelos valores cristãos, aprendidos em casa e reforçados no convívio com a igreja e até mesmo no colégio. Sem dúvidas, a observação do comportamento dos meus pais também foi uma fôrma para mim, especialmente, minha mãe, a reprodução de muitos comportamentos foi simplesmente natural, ainda que nem sempre consciente disso. Alguns aprendizados



que me vem de imediato foi a consideração e o respeito com o outro, o serviço, a submissão aos mais velhos ou às autoridades, a autoproteção (evitar correr riscos), ser feminina, gentil, dizer a verdade...

Principais comportamentos reprimidos

Hoje ao olhar para trás percebo que o desenvolvimento da autonomia e, conseqüentemente, de uma ousadia até mesmo para correr o risco de errar e a percepção de que eu podia ter “uma voz” e uma “opinião própria” foi um tanto reprimida.

Críticas aos comportamentos ou atitudes das mulheres na sociedade atual

Considero muito ruim a maneira como as mulheres, em geral, se expõem como objetos sexuais – na maneira de se vestir e se comportar, além da busca insana por se adequar aos padrões estéticos. Também me desagrada a necessidade de se igualar aos homens em tudo, pois acredito sim, que fomos criados – homens e mulheres - diferentes, com propósitos e funções diferentes.



Críticas Austenianas

No que tange à crítica de R6 sobre a maneira de se comportar de determinadas mulheres, Austen descreve a impaciência de Marianne com relação às Srtas. Steeles: “Marianne, que nunca tivera muita tolerância com coisas como impertinência, vulgaridade, falta de talento ou mesmo diferença de gosto em relação a ela mesma, estava na época especialmente pouco propensa, pelo estado de espírito, a se dar com as Srtas. Steeles (...)”. (AUSTEN, 2010, p. 82)

R7



Resumo biográfico

Sou brasileira, nascida em Itabira, MG, e me orgulho muito disto, pois mesmo diante de situações tristes e lamentáveis pelas quais presenciamos diariamente em nosso país, procuro reconhecer e valorizar as suas grandezas, o seu povo, a sua cultura, a sua história...É um país que tem se esforçado, no decorrer destes anos, para se posicionar como uma nação forte e independente, em meio às pressões externas e internas, deste mundo moderno.

Casada há 14 anos, mãe de duas filhas (5 e 7 anos) tenho me dedicado exclusivamente na criação delas. Invisto tempo e dedicação para que a minha família seja bem estruturada e feliz. "Nenhum sucesso profissional compensa o fracasso familiar" (desconheço o autor).

Sou discípula de Jesus Cristo: Ele é o meu modelo.



Sou psicóloga e professora de ballet clássico e moderno. Sou a primogênita de uma família muito unida. Eu e minha irmã tivemos a graça de termos um Pai e uma Mãe que dedicaram as suas vidas para nós.

O resultado não poderia ter sido outro: uma família estruturada, com vínculos fortes e feliz... Eles sempre nos ensinaram a responsabilidade, dedicação compromisso e acima de tudo, respeito para com os outros.

Aprecio músicas que transmitem mensagens saudáveis, instrumentais, clássicas, MPB.

Gosto de dança, teatro, cinema, artes plásticas no geral.

Tenho a Bíblia como a minha leitura diária e livros relacionados com comportamentos e relacionamentos humanos.

Principais comportamentos incentivados

Meus pais sempre foram muito corretos em suas atitudes e valores. Sempre nos ensinaram para que também tivéssemos isto inculcado em nosso caráter.

O bem estar do outro sempre foi um determinante. Com isso, aprendemos que abrir mão muitas vezes era sinônimo de paz, harmonia e felicidade. Não deixando, é claro, que princípios fundamentais não fossem desprezados e que não deixássemos de nos posicionar como pessoa e a nossa forma de pensar. O serviço e ajuda ao próximo foi um comportamento que sempre presenciei. Durante a minha formação a disciplina foi algo muito intensa, desde as aulas sistemáticas de ballet clássico e o rigor em cumprir com horários e tarefas em todas as atividades.

Principais comportamentos reprimidos

Muitas vezes o falar, o manifestar as suas idéias e pensamentos era inibido em face ao desconhecido, ou pelo fato de se pensar diferente dos outros ...a aceitação ou a reprovação era o que determinava este tipo de comportamento.

Críticas aos comportamentos ou atitudes das mulheres na sociedade atual

Hoje tenho acompanhado a busca incessante e intensa das mulheres alcançarem o seu espaço, tão almejado, mas que me passa a sensação que elas nem sabem muito bem o que estão almejando. Em certo momento seria a independência financeira, outro a realização profissional, outro uma produção familiar independente; uma insatisfação insaciável, que geralmente termina em frustração....tudo em busca de uma autonomia e esquecendo-se que somos seres que precisamos uns dos outros. E reconhecer isto é primordial e saudável. É como se elas corressesem em direção à linha de chegada, mas não sabem onde ela termina....correm, lutam, desgastam, fatigam e correm em várias direções e não conseguem chegar à reta final, e quando chegam, percebem que deixaram para trás momentos que não voltam mais... filhos, famílias, amigos, pessoas....esses...NÃO PODEM ESPERAR.



	<p>Críticas Austenianas</p> <p>Conforme exposto por R7 acerca dos comportamentos incentivados por seus pais desde à infância, destaque para o trecho em que afirma “<i>O bem estar do outro sempre foi um determinante</i>”. Semelhantemente a esta afirmação, vale destacar a explicação da personagem Elinor, quando dialogava com sua irmã Marianne: “(...) Entretanto, não amava só a ele; o bem-estar dos outros é importante para mim⁹, e por este motivo queria poupá-los de saber como me sentia. Agora já consigo falar e pensar sobre isso com pouca emoção. Não queria que sofressem por minha culpa, pois lhe garanto que não estou mais sofrendo muito. (...) Que eu saiba, não provoquei decepção em ninguém por nenhuma imprudência, suporrei tudo o máximo que pude, sem contar nada a ninguém”. (AUSTEN, 2010, p.161).</p>
--	--

R8

	<p>Resumo biográfico</p> <p>Nasci em 29 de outubro de 1987, em Barbacena, cidade do interior mineiro, cidade natal de meus pais. Minha família é a típica família do interior mineiro, dotada de certo tradicionalismo, mas com algumas tradições mais contemporâneas. Meus avós e pais são católicos, mas não praticantes. Eu, porém, sou evangélica, mais especificamente da Igreja Batista. Sou graduada em administração pela UFMG, no primeiro semestre de 2011. Estudei em escola pública até a quarta série do ensino fundamental, depois ingressei em uma escola particular de princípios católicos. Gosto de pop rock internacional, mais especificamente das bandas Jesus Culture e Hillsong e de bandas nacionais como Oficina G3, David Quilan, Pastor Cirilo e PG. Em relação à obras literárias, gostos do clássicos cristão e de forma especial de C S Lewis.</p>
<p>Principais comportamentos incentivados</p> <p>Respeito, dedicação, persistência e amor pelo próximo.</p>	
<p>Principais comportamentos reprimidos</p> <p>Mentiras, pirraça, falsidade, deslealdade, ódio e brigas desnecessárias.</p>	
<p>Críticas aos comportamentos ou atitudes das mulheres na sociedade atual</p> <p>Mulheres não femininas que agem, pensam e se comportam como homens.</p>	

⁹ Grifo feito pela autora do artigo



Críticas Austenianas

No que concerne aos comportamentos reprimidos e expostos por R9, a falsidade também era um traço de caráter reforçado como negativo por Austen: “Que Lucy certamente tentou enganá-la e quis despedir-se com um toque de malícia contra Edward em sua mensagem enviada por intermédio de Thomas, era algo perfeitamente claro para Elinor; e o próprio Edward, agora plenamente esclarecido sobre o caráter dela, não teve escrúpulos em acreditar que ela fosse capaz das maiores baixezas de maldosa leviandade. (AUSTEN, 2010, p.225).

R9



Resumo biográfico

Nasci em Belo Horizonte, em uma família cristã de classe média. Meus pais são casados e tenho duas irmãs mais novas. Estudei em escolas particulares e me formei em arquitetura também em uma universidade particular. Gosto de vários tipos de música, mas não sou nem um pouco entendida do assunto. Gosto de MPB, de várias bandas como Paralamas do Sucesso, Skank, entre outras. Não tenho o hábito de ler muito, apesar de gostar de ler, principalmente biografias. Gosto também de romances e ficção.

Principais comportamentos incentivados

Meus pais sempre me incentivaram a ir à igreja e ter um comportamento cristão. Algumas vezes eu não tinha escolha, tinha que acompanhá-los mesmo se não estivesse com vontade, outras vezes eles conversavam comigo sobre o assunto, me mostrando (algumas vezes) na Bíblia como deveriam ser as minhas atitudes. Ensinaaram-me a ser honesta, a não mentir, a sempre dizer “por favor”, “desculpe”, “obrigada”. Meus pais também me ensinaram a não falar palavrão e a pedir perdão. Eles não falavam (e nem falam) palavrões e me pediam perdão quando achavam que tinham errado comigo. Também fui incentivada por meus pais a seguir a profissão que eu tinha interesse.

Principais comportamentos reprimidos

Na adolescência, eu nem sempre podia ir às festas que meus amigos freqüentavam, mas a minha casa estava sempre aberta para recebê-los, e meus pais tinham prazer nisso. Quando saía, meus pais sabiam sempre com quem eu estava e onde eu estava. Eu tinha horário para chegar em casa e não podia voltar de carona com ninguém. Meu pai sempre me buscou nas festas que eu ia, mas se ele estivesse cansado para me buscar, eu não podia sair. Sempre fui orientada a não usar drogas, não beber muito, e a nunca entrar em um carro com um motorista que havia bebido. Meus pais



sempre me incentivaram a ter um relacionamento com um homem cristão; mas nunca me proibiram de namorar pessoas não cristãs, como eu cheguei a fazer.

Críticas aos comportamentos ou atitudes das mulheres na sociedade atual

A vulgaridade. Sinto-me muito incomodada quando vou, por exemplo, a um casamento e vejo mulheres usando saias e vestidos muito curtos ou com grandes decotes. Acho falta de respeito com quem está lá e para mim fica a imagem de mulheres fáceis, vulgares, quase que de prostitutas.



Críticas Austenianas

O comportamento vulgar das Srtas. Steeles é mais uma vez condenado: “Essa amostra das srtas. Steeles foi suficiente. As vulgares liberdades tomadas e a insensatez da mais velha (Srta Steele) não a recomendavam, e como Elinor não se deixava deslumbrar pela beleza ou pelo jeito esperto da mais jovem e perebera muito bem sua falta de real elegância e espontaneidade, deixou a casa sem nenhuma vontade de conhecê-las melhor” (AUSTEN, 2010, p.81).

R10



Resumo biográfico

Nasci em uma cidade do interior, onde meus pais eram autoridade máxima em casa, porém minha mãe quem direcionava a correção, responsabilidade, educação e cuidados, era doméstica e dedicou sua vida inteira a nós. Aprendemos com ela os valores da vida e principalmente os humanos, como respeitar os mais velhos, os pais e a Deus, aprendemos a rezar e também valores direcionados a igreja e religião. Comecei a trabalhar cedo, com 17 anos e aos 19 já tinha emprego fixo, com 23 vim estudar em BH, formei 3º grau, mas continuo morando no interior. Sou casada, tenho 02 filhos e prefiro criá-los no interior, pois a vida é mais tranquila/segura, mais próxima da natureza e mais familiar. Gosto de cinema, teatro, ler, não tenho preferências por autores/escritores, gosto de romance, comédias, não gosto de terror.

Principais comportamentos incentivados

Respeitar sempre os mais velhos, meus pais e Deus, lutar pelos objetivos, não desistir dos sonhos. Transmitidas pelo exemplo e diálogos.

Principais comportamentos reprimidos

As vezes condicionar determinadas situações para não ter conflitos e relações sexuais antes do casamento.

Também pelo exemplo, respeito e diálogo que algumas vezes transmitiam medos e



inseguranças (minha mãe tinha muito medo de abusos sexuais ou de gravidez numa fase despreparada para tal responsabilidade, por eu ser filha única num total de 04, três são homens, a preocupação era mais centralizada em mim).

Críticas aos comportamentos ou atitudes das mulheres na sociedade atual

(...) feminismo exagerado, mulheres que não se valorizam, que aceitam ser tomadas como um simples objeto sexual e, principalmente, não termos mais mães más (aquelas que educam seus filhos com responsabilidade e correções necessárias para que se tornem bons seres humanos).



Críticas Austenianas

Mais uma vez, cabe fazer referência ao comportamento passivo de Lady Middleton em relação aos seus filhos. Segue relato de um episódio em que a ironia de Austen aparece com veemência: “Felizmente, para quem bajula uma mãe coruja pela exploração desses pontos fracos, embora ela seja, na busca de elogios para os filhos, o mais ávido dos seres humanos, também é o mais crédulo; suas necessidades são exorbitantes, mas acreditará em qualquer coisa, e o afeto e a tolerância enormes das srtas. Steeles com seus filhos eram, portanto, vistos por Lady Middleton sem a menor surpresa ou desconfiança. Viu com maternal complacência todas as impertinências e travessuras a que as primas se sujeitavam. Viu seus cintos serem soltos, seus cabelos serem puxados perto das orelhas, suas bolsas reviradas e suas facas e tesouras roubadas, e não teve nenhuma dúvida de que aquilo era uma delícia recíproca. Sua única surpresa foi ver Elinor e Marianne sentadas tão tranquilamente sem exigirem participar do que estava acontecendo” (AUSTEN, 2010, p.78).

CONCLUSÃO

A estrutura crítica do trabalho de Jane Austen, certamente é reflexo de um espírito desassossegado quanto às posturas sociais inadequadas e insensatas das mulheres daquela época. Apesar da crítica de Austen não se restringir apenas ao gênero feminino, englobando também o gênero masculino em variados prismas, este estudo buscou centralizar sua análise no comportamento feminino em sociedade.

Conforme observou-se nas respostas obtidas por meio do questionário com perguntas semi-estruturadas, a opinião das mulheres contemporâneas se opõem aos



comportamentos encarados como normais na sociedade atual, tais como: mulheres não femininas e extremamente competitivas em todos os aspectos, falta de zelo pela autoimagem e perda dos valores familiares, além de atitudes vulgares e em desacordo aos princípios básicos de amor próprio.

Embora possamos concluir que as mulheres nos dias atuais evoluíram bastante em termos de igualdade social e trabalhista em relação aos homens, o que contribui para que os comportamentos em sociedade sejam naturalmente diferentes aos praticados há 200 anos, não há como negar que o trabalho crítico de Austen ainda consegue apreender a realidade e a moralidade – este último aspecto, atemporal -, de uma maneira muito peculiar.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, J. *Razão e Sensibilidade*. São Paulo: Martin Claret, 2010.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

REEF, C. *Jane Austen: uma vida revelada*. Tradução Kátia Hanna. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2014.

RODRIGUES, A. *Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Editoria Vozes Ltda, 1981.

SKINNER, B.F. *Ciência e Comportamento*. São Paulo Livraria Editora Ltda, 1974.



A TELA SOBREPÕE O PAPEL: O SERIADO ORGULHO E PRECONCEITO E O SURGIMENTO DA AUSTENMANIA¹⁰

Maria Clara Pivato Biajoli

Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP

mariabiajoli@gmail.com

Um filme que é baseado em uma obra literária está longe de trazer meramente a mesma história através de uma tecnologia diferente. O papel dos roteiristas, diretores, produtores e compositores, para nomear apenas alguns, fazem do processo de adaptação algo muito mais complexo do que uma simples substituição do papel pela tela do cinema enquanto o original permanece intocado. Ao contrário, o posicionamento da crítica hoje entende que uma adaptação fílmica é uma obra de arte em si mesma e deve ser avaliada de forma independente do romance original. Mais do que uma adaptação, julgada de acordo com a sua fidelidade ao original, o filme pode ser visto como uma tradução entre culturas, e isto é ainda mais verdade quando tentamos adaptar um romance de duzentos anos atrás para o século XXI. Em poucas palavras, essa tradução, de acordo com Rosemary Arrojo, “será fiel não ao texto original, mas àquilo que consideramos ser o texto original, àquilo que consideramos constituí-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será, como já sugerimos, sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos” (Arrojo, 1986, p.41). A partir desse ponto de vista, este artigo é baseado na ideia de que as adaptações cinematográficas dos romances de Jane Austen, assim como o fenômeno contínuo de produção de *fan fiction*, muito popular pelo menos nas duas últimas décadas, devem ser analisados como produtos do nosso tempo, que podem dizer muito mais sobre nós mesmos do que sobre a obra de Austen. Discutiremos aqui a adaptação da BBC de *Orgulho e Preconceito* de 1995 e como ela mudou a forma como Austen é entendida pelos seus fãs, principalmente aqueles que escrevem e leem *fan fiction*. Meu argumento é que essa adaptação atua como um portal, através do qual o romance de Austen ganhou novos

¹⁰ Artigo apresentado no *Segundo Encuentro Internacional de Literatura Comparada* em Bogotá, Colômbia em setembro de 2016.



significados, pois uma vez que o romance o atravessou, ele foi modificado para sempre em algo diferente do que era anteriormente.

Em primeiro lugar, é importante apontar que, durante a década de 1990, sete adaptações da obra de Austen foram produzidas, portanto a versão de *Orgulho e Preconceito* de 1995 é parte de um momento maior de redescoberta da escritora inglesa, assim como do processo de reconstrução da sua imagem. Todas essas adaptações tinham em comum, por exemplo, uma certa nostalgia em relação ao mundo de Austen, visto como uma “Inglaterra antiga”, nobre e educada, na qual o tratamento das pessoas era superior e a vida era muito mais simples do que hoje. Podemos observar, por exemplo, como as adaptações fizeram uso constante de tomadas externas do interior do país que serviam para ilustrar “um campo inglês antigo que tornam os filmes visualmente atrativos” e alimentam “um desejo por esse passado nobre como uma forma de escape da realidade” através da exclusão, por exemplo, de outras partes da sociedade que possuíam “maneiras e gostos mais grosseiros” (Troost e Greenfield, 2001, p.4). Assim, o foco da adaptação centra-se no tranquilo chá da tarde na sala de estar e ignora os empregados domésticos, a pobreza e a sujeira nas ruas das cidades e as camadas sociais mais pobres, contribuindo para que o período Regencial inglês e se transformasse em um paraíso que tivemos mas que foi destruído pela Revolução Industrial¹¹. O resultado é que a imagem de Austen passou a ser associada com o retrato ingênuo do período regencial, uma autora que decidiu escrever sobre amor enquanto ignorava as turbulências políticas e econômicas causadas pelas guerras napoleônicas, por exemplo. Jane Austen, portanto, fica popularmente conhecida pelas suas histórias românticas, e não pela sua crítica afiada da sua sociedade.

Isto não é verdade para o universo acadêmico, pois sua importância para a história da literatura inglesa não é questionada desde o começo do século XX, e sua obra tem sido objeto de sérios estudos ininterruptamente. Do lado de fora dos muros das universidades, porém, como Deidre Lynch aponta, os filmes “quase já obliteraram os livros: fãs visitam grandes casas de campo usadas como cenários mas que Jane Austen nunca visitou e inspecionam exposições de roupas criadas para os filmes que as pessoas do século XIX nunca usaram” (Lynch, 2005, p.117). Essa fascinação criada pelas adaptações ajudaram os fãs de

¹¹ Vale mencionar a exceção importante da adaptação de 1999 de *Mansfield Park* da diretora Patricia Rozema.



Austen a construir um universo imaginário para a autora no qual as suas próprias criações superam em muito as dela. Rachel Brownstein é ainda mais firme quando afirma que a Austenmania lançada pelos filmes combina uma obsessão com a autora com uma “leitura pobre e uma reescrita condescendente do que ela escreveu” (2011, p.4). Ela conclui que, “diferente da principal corrente popular hoje, os romances de Jane Austen não são, acima de tudo, sobre jovens bonitas em vestidos longos esperando pelo grande amor e casamento; e eles não são acima de tudo símbolo da herança inglesa, simples, educada e prazerosa. Se lidos com um mínimo grau de atenção, eles não funcionam bem como leitura escapista. (...) Obcecados com essa nostalgia sentimental e os prazeres da repetição, com lucros reais e amantes ideais, a Jane-o-mania do século XX se distanciou muito dos romances, e até mesmo os perdeu de vista totalmente” (Brownstein, 2011, p.247). Brownstein chama a nossa atenção para outro aspecto das adaptações da década de 1990: elas abertamente se libertaram de qualquer necessidade de se ater aos originais (forte característica das adaptações anteriores, em especial da década de 1980) e se esforçaram para criar novas histórias centradas no relacionamento da heroína e do herói e na melhoria deste último, apagando seus defeitos e produzindo, ao final, príncipes encantados que encheria de orgulho qualquer executivo da Disney. Nas suas palavras, “A moda popular dos anos noventa mudou a ênfase ao afunilar o foco para o aspecto romântico. Ela reimaginou todas as protagonistas de Austen como esperando a realização no casamento, no casamento com dinheiro, e no casamento com o melhor homem e o mais sensual também. (...) A crítica de Austen para o egoísmo e a ganância de uma sociedade que media o valor humano e os relacionamentos em termos de terras e dinheiro de alguma forma se perdeu no meio de tudo isso” (Brownstein, 2011, p.7).

A adaptação de *Orgulho e Preconceito* de 1995 é muito famosa pela sua transformação da personagem de Mr. Darcy, interpretado por Colin Firth. Em geral, o script de Andrew Davies é considerado relativamente fiel ao original, mas ele incluiu algumas cenas que não estão presentes no romance para ilustrar eventos – e sentimentos – relacionados basicamente a Darcy (Hopkins, 2011, p.115). Em uma entrevista, Davies explica suas escolhas da seguinte forma: “Eu evito escrever cenas que Austen não escreveu, na verdade. Mas eu pensei que isso poderia ajudar muito, especialmente porque eu estava escrevendo uma adaptação muito pro-Darcy em *Orgulho e Preconceito*. Se eles o vissem



sofrendo ou até fazendo alguma coisa física, a audiência iria tratá-lo muito mais como uma pessoa real, e não só pelo ponto de vista de Elizabeth, que só vê Darcy quando ele está de mau humor e muito bem arrumado para um jantar” (Entrevista concedida a Cartmell e Whelehan, 2007, p.244).

Essas cenas mostram Darcy em uma banheira, Darcy observando Elizabeth brincando com um cachorro a partir de uma janela distante, Darcy lutando esgrima, cavalgando ou jogando bilhar, Darcy andando de um lado para o outro de seu quarto tentando escrever a carta para Elizabeth, Darcy caminhando de forma determinada no bairro mais pobre de Londres para resgatar Lydia Bennet. De acordo com Lisa Hopkins, essa versão de O&P “não tem vergonha de apelar para as mulheres e em particular em emoldurar Darcy como um fetiche e oferecê-lo para o olhar feminino” (Hopkins, 2001, p.122). Davies construiu, então, um Darcy mais real, mais aberto à interpretação, de tal forma que mesmo se Elizabeth se mostra surpresa com o seu primeiro pedido de casamento, nós não estamos porque assistimos a Darcy olhar fixamente para ela durante três episódios, e depois da sua recusa até sentimos pena dele. Ninguém parece lembrar que ele foi muito rude em seu pedido ao apontar para a condição inferior e família desregrada de Elizabeth. O que temos aqui, então, nas palavras de Louis Menand, é uma adaptação que adiciona uma pitada – eu diria até uma grande dose – de “extra-Darcy” à história. O resultado, de acordo com Cheryl Nixon, é a reconfiguração do herói de Austen porque, em sua opinião, nós não gostamos dele da forma como é retratado no romance, logo a adaptação “deve adicionar cenas com seu protagonista para aumentar o desejo por ele” (Nixon, 2001, p.27), e essa adição é em grande parte responsável pelo sucesso da adaptação.

O herói é recriado de forma muito mais emotiva e sentimental, ou, como Nixon nos lembra, “de maneira inconsistente com o desenvolvimento da personagem de Austen e, mais importante, ao contrário da crítica da autora para com a sensibilidade” (Nixon, 2001, p.26). Enquanto Darcy aparece no romance sempre controlado e sério, na adaptação nós vemos um Darcy torturado pelo excesso de emoção que sente mas que não consegue expressar em palavras, logo necessita de uma válvula de escape. Assim, “Darcy é mostrado em uma série de atividades físicas que não aparece no romance mas que demonstram essa batalha interna para o espectador... Elas criam uma forma de auto-expressão cinematográfica, um diálogo entre a sua mente e corpo que ocorre durante todo o filme mas



que está ausente do livro” (Nixon, 2001, p.31). Nós vemos a sua emoção e nos identificamos muito mais com esse herói do que com o Darcy criado pelo ator David Rintoul na adaptação de 1980 da BBC. Rintoul foi muito mais fiel ao livro ao não deixar transparecer nenhuma emoção em seu rosto, mas acabou sendo duramente criticado exatamente por isso.

A cena mais icônica escrita por Davies para a adaptação de 1995 é aquela em que Darcy mergulha em um lago em Pemberley e aparece depois com sua camisa grudada em seu corpo e um pouco transparente por isso. Davies descreve a cena como um acidente “porque eu queria que ele mergulhasse totalmente nu como parte do meu esquema de tirar os protagonistas daquelas roupas restritas e esnobes o máximo possível, mas por algum motivo ele mergulhou com a camisa, e então temos essa cena. E eu não percebi o quão erótica ela iria ser. (...) Mas aquele momento da camisa molhada é a primeira vez que Elizabeth vê Darcy como um homem normal (...), ela sempre estava confinada em grandes salões com esse homem intimidador, e aqui ele aparece todo molhado e desarrumado e misteriosamente mais fascinante do que nunca (Entrevista concedida a Cartmell e Whelehan, 2007, p.246).

A cena então é a representação total de um Darcy não só real mas muito, muito sexy. Ela se tornou uma espécie de “clássico”, sendo reproduzida ou mencionada muitas vezes em romances ou produções de TV posteriores. Bridget Jones, a personagem do romance de Helen Fielding baseado em O&P, é obcecada com a cena e a assiste constantemente com suas amigas: “Nós ficamos em silêncio então, assistindo a Colin Firth sair do lago molhado, com a camisa branca transparente... Hummm.” (Fielding, 1999, p.35). Amanda Price, na adaptação *Lost in Austen*, pede um pequeno favor para o seu Mr. Darcy, e este favor é exatamente mergulhar em um lago usando somente calça e camisa. Jane Hayes, a personagem principal de *Austenland*, explica a sua obsessão com O&P devido a essa cena: “Eu não acho que consigo explicar isso para um homem. Se você fosse uma mulher, tudo o que eu precisaria falar era ‘Colin Firth em uma camisa molhada’ e você diria, ‘Ah!’.” (Hale, 2008, p.77). E ela foi eleita a cena mais importante da história da TV inglesa, fato celebrado



com a instalação de uma estátua imensa de Mr. Darcy no meio do lago do parque de Hyde Park em Londres.¹²

Toda essa atenção dada a Mr. Darcy vem transformando-o na personagem principal de O&P. O problema é que ele não está tão presente assim no romance original, e quando está, geralmente aparece distanciado do que está acontecendo, representado em pé próximo a uma janela, geralmente quieto. O fenômeno moderno da *fan fiction* vai tentar solucionar esse “problema” escrevendo variações de O&P a partir do ponto de vista de Darcy. Não é coincidência, como nota Lisa Hopkins, que menos de um ano depois da estreia da série da BBC, Janet Aylmer publicou uma continuação de muito sucesso chamada *Darcy’s Story*, na qual ela usa o texto original de Austen com algumas modificações para tentar mostrar ao leitor como seria o romance a partir do olhar de Darcy (Hopkins, 2001, p.122). Muitas outras continuações e variações seguiram essa nova abordagem, trazendo então não somente o ponto de vista de Darcy mas os seus sentimentos, cada vez mais fervorosos e apaixonados. Ao mesmo tempo, esses autores usaram essa oportunidade para “corrigir” os defeitos da personagem: seu orgulho se torna timidez, sua grosseria se torna insegurança, e mesmo se Darcy afirma no original que Elizabeth não era bonita o bastante para deixá-lo tentado, na verdade ele já estava absolutamente apaixonado por ela porque fora amor à primeira vista. Ele se torna assim o homem perfeito, e poderíamos até imaginar a risada de Austen se ela pudesse presenciar o que foi feito de seu herói, já que ela mesma disse que “figuras perfeitas me enjoam e me provocam”¹³.

Assim, eu gostaria de enfatizar que a adaptação da BBC de 1995 iniciou uma tendência de se adicionar um “extra Darcy” a O&P, criando ou pelo menos aumentando muito a obsessão com essa personagem, e introduzindo a hoje famosa “Darcymania”. Essa adaptação ajudou a transformar o romance em uma história sobre os sentimentos de Darcy, sobre sua conquista de Elizabeth e, em última instância, sobre o *seu* final feliz, ao ponto de que não acredito ser mais possível para uma pessoa ler o romance sem ser tocado, ainda que minimamente, por essa noção de que tudo gira em torno de Mr. Darcy. Além disso, essa

¹² Confira a imagem da estátua em: http://www.huffingtonpost.co.uk/2013/07/08/colin-firth-statue-mr-darcy-pride-and-prejudice-lake_n_3560981.html Acesso em 11/07/2017.

¹³ Carta escrita para a sobrinha Fanny Knight em 23 de março de 1817, in LE FAYE, Deirdre (ed.), 2011, p.335: “Pictures of perfection, as you know, make me sick and wicked”.



adaptação conquistou um lugar de destaque do universo da *fan fiction*, tornando-se a principal fornecedora de convenções que devem ser seguidas pelos fãs escritores. Por exemplo, o ator Colin Firth foi escolhido como o Darcy padrão, especialmente em termos de aparência física. Por conta disso, nós até podemos encontrar um Darcy gay nas histórias dos fãs, mas um Darcy loiro é impossível, apesar de Austen ter mencionado apenas o “seu porte distinto, alto e bonito, de nobre” (Austen, p.10). A imagem do ator, portanto, faz parte do cânone construído pelos fãs (“fanon”), em um processo, de acordo com Bronwen Thomas, no qual “certos elementos da trama ou das personagens são estabelecidas dentro da comunidade dos fãs – mesmo quando esses elementos nunca apareceram no texto original, ou se até mesmo são radicalmente diferentes dele.” (Thomas, 2011, p.8).

Não somente os atores, mas também algumas cenas foram transformadas em convenções para a *fan fiction*. A famosa cena do lago, por exemplo, aparece com frequência entre continuações e variações, e como um fã disse em uma entrevista: “Eu li *Orgulho e Preconceito* algumas vezes, mas nunca tinha me ocorrido que a cena do lago não estava no livro. Eu acho que isso mostra como uma grande cena de um filme pode deixar uma impressão inesquecível na nossa mente, e mudar a nossa percepção da realidade (ou ficção)” (apud Harman, 2009, p.214). A sequência final, quando vemos Elizabeth e Darcy casados saindo alegremente da igreja e entrando em sua carruagem e finalmente se beijando também é muito copiada pelos fãs, como na seguinte passagem do romance escrito por Zoe Carter: “Eles saíram da igreja sob uma chuva de confetes feitos de pétalas de rosas frescas e então foram para a luxuosa carruagem de Mr. Darcy, a qual era puxada por quatro cavalos brancos. Ele ajudou Elizabeth a entrar e depois subiu ao lado dela. Eles acenaram adeus para os amigos e família conforme a carruagem se afastava.... Os seus lábios se encontraram e o beijo foi o início de uma vida longa e feliz juntos” (Carter, Kindle position 1498-1500). Essa variação recente poderia até mesmo servir como o roteiro para a última cena da adaptação e mostra que o seu poder para criar convenções ainda é forte. Mas não só isso, ela demonstra que, tanto para os escritores quanto para os leitores de *fan fiction*, a originalidade não é um pré-requisito de qualidade. Repetição não é um problema, muito pelo contrário, ela é apreciada e, dependendo da convenção, é obrigatória. Ao invés de se sentirem entediados por isso, esses leitores valorizam a confirmação do que eles já sabem e a satisfação que o reaproveitamento das mesmas cenas românticas produz neles.



Assim, o que nós observamos é a Austenmania atual sendo aumentada pelas adaptações cinematográficas e se tornando, então, uma cultura visual. O acesso a Austen é mediado pela imagem e não pelas palavras, como podemos observar pela frase de um fã: “Eu amo a obra dela, apesar de eu nunca ter lido nenhum romance. As dramatizações são fantásticas” (apud Wells, 2011, p.1). Para essa jovem, não é nem um pouco contraditório admirar os romances de Austen apenas através dos filmes, sem nunca ter lido nenhum livro dela. Na verdade, as adaptações os superaram, como o romance *Austenland* explica: “Claro, Jane primeiro leu *Orgulho e Preconceito* quando ela tinha dezesseis anos, e o releu uma dúzia de vezes desde então e todos os outros romances pelo menos duas vezes, exceto *A Abadia de Northanger* (obviamente). Mas foi só quando a BBC deu um rosto à história que aqueles cavalheiros em calças justas saíram da sua imaginação e entraram na sua esperança real. Despidos do narrador engraçado, esperto e sarcástico de Austen, o filme se tornou puro romance. E *Orgulho e Preconceito* era o mais espetacular, morda-a-sua-mão romance de todos os tempos, do tipo que olhava direto para a alma de Jane e a fazia estremecer” (Hale, 2008, p.2). É interessante notar como esse narrador admite a consequência mais importante dessa cultura visual, a de que a adaptação apagou todas as características inteligentes de Austen, peneirando-os para fora para coletar somente a história de amor.

Eu não estou dizendo que os fãs atuais de Austen não leem mais sua obra, mas apenas defendendo que, para aqueles que continuam a valorizar os romances, é praticamente impossível fazer isso sem ser minimamente influenciado pelas adaptações. Como Claire Harman observa, “se o *Orgulho e Preconceito* de Austen é hoje distribuído de graça com jornais e eleito o livro preferido na Grã-Bretanha e o tesouro literário que não podemos dispensar, é em grande parte porque ele é o livro do filme” (Harman, 2009, p.208). E como essa adaptação específica aumentou o aspecto romântico da história, o livro foi rotulado, talvez de forma irreversível, como um tipo de *chick-lit* regencial. As pessoas que assistiram primeiro a adaptação, quando pegam o livro, muito frequentemente são surpreendidas pelo seu ritmo lento, humor feroz e abordagem realista e uma total falta de sentimentalismo. Isto se tornou, de alguma forma, o principal objetivo da *fan fiction*: adicionar sentimentalismo em Austen através de continuações e variações. De uma certa forma, portanto, essas continuações, as quais são avidamente publicadas pelo mercado editorial, inserem de volta no papel as transformações feitas pelo cinema. *Orgulho e*



Preconceito, portanto, é um livro transformado em filme e transformado em um novo livro que se sobrepôs ao original.

REFERÊNCIAS

- ARROJO, Rosemary **Oficina de Tradução – A teoria na Prática** São Paulo: Ática, 1986.
- AUSTEN, Jane **Pride and Prejudice** (ed. Pat Rogers). Cambridge: Cambridge UP, 2006.
- BROWNSTEIN, Rachel M. **Why Jane Austen?** New York: Columbia University Press, 2011.
- CARTER, Zoe **Prevailed on to Marry** (A Pride and Prejudice Alternative Story). Amazon, 2016, Kindle edition.
- CARTMELL, Deborah e WHELEHAN, Imelda “A practical understanding of literature on screen: two conversations with Andrew Davies”. In CARTMELL, Deborah e WHELEHAN, Imelda (ed.) **The Cambridge Companion to Literature on Screen**. Cambridge: Cambridge UP, 2007, pp.239-251.
- FIELDING, Helen **Bridget Jones: The Edge of Reason**. London: Penguin Books, 1999.
- HALE, Shannon. **Austenland**. Bloomsbury, 2008, Kindle edition.
- HARMAN, Claire **Jane’s Fame**. How Jane Austen Conquered the World. NY: Henry Holt, 2009.
- HOPKINS, Lisa “Mr. Darcy’s Body. Privileging the Female Gaze”. In TROOST, Linda e GREENFIELD, Sayre (ed.). **Jane Austen in Hollywood**. USA: The University Press of Kentucky, 2001, pp.111-122.
- LE FAYE, Deirdre (ed.) **Jane Austen’s Letters**. London: Oxford University Press, 2011.
- LYNCH, Deidre. “Cult of Jane Austen” in TODD, Janet (ed.) **Jane Austen in Context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, 111-120.
- MENAND, Louis “What Jane Austen Doesn’t Tell Us” in *The New York Review of Books*, February 1st 1996. <http://www.nybooks.com/articles/archives/1996/feb/01/what-jane-austen-doesnt-tell-us/> Accessed on 8 July 2016.
- NIXON, Cheryl L. “Balancing the Courtship Hero. Masculine Emotional Display in Film Adaptations of Austen’s Novels”. In TROOST, Linda e GREENFIELD, Sayre (ed.). **Jane Austen in Hollywood**. USA: The University Press of Kentucky, 2001, p.22-43.
- THOMAS, Bronwen “What is fanfiction and why are people saying such nice things about it?” in: *StoryWorlds: A Journal of Narrative Studies*, Volume 3, 2011, pp. 1-24. <http://muse.jhu.edu/article/432689>. Accessed on 20 June 2016.

LITERAUSTEN

Jane Austen Sociedade do Brasil - JASBRA



TROOST, Linda e GREENFIELD, Sayre (ed.). **Jane Austen in Hollywood**. USA: The University Press of Kentucky, 2001.

WELLS, Juliette. **Everybody's Jane**. Austen in the Popular Imagination. NY: Continuum, 2011.



O PODER DAS FANFICS

Moira Bianchi
super.hi.ro@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Em 1813, um pastor do interior da Inglaterra conseguiu vender a um editor um livro escrito por sua jovem filha. Mal sabia o Sr Austen que duzentos anos depois, a obra de Jane ainda teria tanta força quanto no momento de sua primeira publicação.

Considerando o poder de divulgação disponível em 1813 - praticamente reduzido a anúncios de jornal e propaganda *boca a boca* - Orgulho e Preconceito, a 'criança mais querida' de Jane Austen, alcançou um estupendo número de pessoas fazendo mais sucesso que seu primeiro romance publicado anteriormente - Razão e Sensibilidade. Poderíamos comparar livremente o alcance de duzentos anos atrás com o que a obra tem hoje em dia no calor da democratização das comunicações através da internet e dizer que se não maior, é o mesmo. Traduzido para muitas línguas, republicado anualmente em diferentes formatações e estilos gráficos, a obra tem alcance similar a best-sellers recém-lançados e que contam com o poder do marketing de massa. Parte da manutenção desse sucesso pelas duas últimas décadas está nas *fan fictions*, nos fãs que tomam posse da obra e a recriam incessantemente.

Na maior livraria mundial *on line* existem atualmente¹⁴ mais de cinco mil livros inspirados em Orgulho e Preconceito à venda. Em sua maioria são histórias auto publicadas pelos próprios autores e compradas por fãs do *canon* que *consomem* o conturbado romance de Mr. Darcy e Elizabeth Bennet em todas as variações possíveis.

Para organizar esta pesquisa, utilizei várias fontes para embasar o que sou prova viva. Desde o primeiro contato com O&P, a obra teve tamanho impacto que busquei outras fontes como seriados e filmes. Esta procura me levou às *fanfics* e após anos consumindo *produtos derivados* da obra de Jane Austen, passei a produzi-los. Tenho uma *fanfic* - ou adaptação moderna - intitulada 'Friendship of a special kind' auto publicada e à venda e mais duas a caminho de serem lançadas neste amplo mercado, e tenho um blog - Hot Rio Chick - com

¹⁴ Amazon (www.amazon.com) visitada em 15.05.2013.



mais de vinte mil visitas/ano dedicado ao *universo de fanfics* O&P. Também, faço parte de vários grupos nacionais e internacionais e pessoalmente me considero ávida *consumidora* de qualquer coisa relacionada ao *canon*.

Além do mercado literário, existe uma grande demanda para produções audiovisuais como seriados de TV, filmes, *webseries*¹⁵. De maneira geral, *Orgulho e Preconceito* é *consumido* em inúmeras formas que variam de livros, a estórias em quadrinhos, a itens de vestuário até acessórios e tatuagens.

Muitos desses produtos podem ser considerados *fanfics* já que não são totalmente fiéis ao *canon*.

O QUE É 'FANFIC'

Fan fiction é uma expressão da língua inglesa para ficção (*fiction*) escrita por um fã (*fan*). Geralmente é uma variação, uma estória cujo enredo apesar de inspirado em uma determinada obra (*canon*), não faz parte do enredo original. E principalmente cujo autor não assina o *canon*. *Fanfic* é uma abreviação do termo.

Pode ser definida basicamente como ficção onde o autor cria *novas histórias baseadas* em personagens de um *canon* já estabelecido, sendo ele literatura, filme ou música. Trataremos aqui primordialmente de literatura já que o objeto do presente estudo é o livro 'Orgulho e Preconceito'.

Lev Grossman, jornalista, crítico e escritor Americano, define *fan fiction* como:

*O que a literatura poderia ser se fosse reinventada do zero após um apocalipse nuclear, por um grupo de brilhantes viciados em cultura pop enclausurados em um abrigo isolado. Eles não almejam ganho financeiro, não é esse o intuito. Os escritores escrevem e postam on line simplesmente pela satisfação de fazê-lo. Eles são fãs, mas não são mudos passivos consumidores de mídia. A cultura se comunica com eles e eles a traduzem em sua própria linguagem.*¹⁶

¹⁵ Série de episódios cinematográficos publicados em sites de videos na internet.

¹⁶ Crônica publicada no site da revista TIME, julho de 2011. Tradução livre de: 'Fanfiction is what literature might look like if it were reinvented from scratch after a nuclear apocalypse by a band of brilliant pop-culture junkies trapped in a sealed bunker. They don't do it for money. That's not what it's about. The writers write it and put it up online just for the satisfaction. They're fans, but they're not silent, couchbound consumers of media. The culture talks to them, and they talk back to the culture in its own language.'



Apesar de muito popular, o assunto é delicado. Vários autores de sucesso internacional proibem seus leitores de escrever fanfics baseadas em suas obras por considerar a prática prejudicial, como por exemplo, George R. R. Martin, autor da saga 'As crônicas de Gelo e Fogo'. Apesar de a obra ter um *fandom* (abreviação de *fan kingdom*, reino ou domínio dos fãs em Inglês) extenso, o autor considera a influência das fanfics prejudicial à sua obra, talvez porque esta ainda esteja em construção. Vários outros autores compartilham a mesma opinião.

No maior site dedicado à publicação de *fanfics*¹⁷ divididas em nove categorias (animés, livros, desenhos animados, quadrinhos, jogos, peças, TV, filmes e 'miscelânea'), existe o seguinte aviso:

*FanFiction respeita a vontade expressa dos seguintes autores/leitores e não arquivará entradas baseadas em seu trabalho*¹⁸:

- *Anne Rice*
- *Archie comics*
- *Dennis L. McKiernan*
- *Irene Radford*
- *J.R. Ward*
- *Laurell K. Hamilton*
- *Nora Roberts/J.D. Robb*
- *P.N. Elrod*
- *Raymond Feist*
- *Robin Hobb*
- *Robin McKinley*
- *Terry Goodkind*

O assunto é realmente controverso. Alguns autores como J.K. Rowling, autora da saga 'Harry Potter', e Meg Cabot, autora da série 'Diário da Princesa', apoiam e até incentivam a prática. A primeira diz ter deixado propositamente uma brecha de dezenove anos na vida dos personagens entre o capítulo final e o epílogo de sua saga para que fosse preenchida pelos

¹⁷ Fanfiction.net

¹⁸ Tradução livre de: '*FanFiction respects the expressed wishes of the following authors/publishers and will not archive entries based on their work.*'



ficwriters (escritores de *fanfics* em Inglês). A segunda já afirmou que ocasionalmente lê algumas *fanfics* para estreitar laços com seus fãs.

O termo *fanfic* frequentemente é utilizado de forma pejorativa, referindo-se a obras de qualidade duvidosa e que somente deturpam o *canon*. Um bom exemplo é a discussão pós-lançamento do filme 'O Hobbit - uma jornada inesperada' baseado na obra de J.R.R. Tolkien. Boa parte de seu fiel *fandom* (que, tão diligente, chega a estudar para ter fluência na língua fictícia dos elfos mencionada na saga 'Senhor dos Anéis' da qual 'O Hobbit' é um prólogo) considera o filme uma *fanfic* já que vários personagens foram inseridos na trama apesar de não estarem presentes no *canon*. Em foruns na internet¹⁹ essa discussão é acalorada, chegando a termos agressivos.

Existem várias linhas de fãs. Admiradores de uma pessoa, objeto, time de esporte, obra; o fã expressa essa admiração de várias formas. Alguns são silenciosos, alguns são defensores e outros são produtores. As *fanfics* são o *produto* dessa terceira linha, ou classe de fãs. Além de consumir a obra, eles adquirem tamanha intimidade com ela que a traduzem em outras obras derivadas.

Os *fãs silenciosos*, de maneira geral, consideram as *fanfics* como algo desnecessário e de qualidade inferior, portanto algo que não merece reconhecimento. Existe ainda muita resistência quanto às obras rotuladas como *fanfics*, mas não às rotuladas como *continuação*, *paródia* ou *adaptação*.

Em análise superficial, podem-se considerar todos os termos acima como *fanfics* de autoria de escritores profissionais, enquanto as demais são escritos por amadores. Autores de *fanfics* são em sua maioria escritores amadores que fazem da admiração pelo *canon* um hobby prolífico o suficiente para ser expresso em forma de textos literários.

Há que se esclarecer a diferença entre *fanfics* e plágio. O segundo é uma cópia do *canon* sem que seja atribuído crédito devido. O primeiro é uma obra derivada, um desdobramento do *canon* que tem seu intuito principal na homenagem.

Em 2011 foi lançada a trilogia 'Cinquenta tons de cinza' que originalmente foi escrita como uma *fanfic* da saga 'Crepúsculo' lançada seis anos antes. Existe uma grande polêmica envolvendo essa obra já que, apesar da legião de fãs da *fanfic*, ironicamente ela foi lançada

¹⁹ Algumas dessas discussões em fóruns estão listadas em 'Referências'.



como uma obra original. A autora E.L. James chegou a negar a origem da inspiração em entrevistas para grandes meios de comunicação.

Enquanto ‘Crepúsculo’ trata do amor impraticável entre uma garota humana e um vampiro imortal, ‘Cinquenta tons de cinza’ trata do relacionamento tenso entre uma garota virgem e um homem adepto do sadomasoquismo. Na maior parte da saga original, o amor dos protagonistas é casto e mesmo quando eles se casam, as relações sexuais são tratadas superficialmente. Recheada de cenas explícitas, a obra derivada é classificada como erótica e preenche o vácuo deixado pelo *canon*.

‘Crepúsculo’ é um dos *canons* campeões em número de *fanfics*. Com mais de duas centenas de fóruns exclusivos, a saga escrita por Stephenie Meyer tem aproximadamente duzentas e dez mil histórias publicadas no fórum aberto Fanfiction.net²⁰, ficando atrás somente da saga ‘Harry Potter’ com seiscentas e quarenta mil histórias. Neste site, que é o principal fórum mundial de publicação de fanfics como dito anteriormente, onde qualquer pessoa registrada pode postar sua história sem que haja nenhuma forma de censura ou crivo, aparece também ‘Cinquenta tons de cinza’ com noventa e cinco histórias. São *fanfics* da *fanfic*.

Neste mesmo site, Orgulho e Preconceito tem duas mil e novecentas histórias. Levando-se em consideração as particularidades do *fandom* de Jane Austen e o número elevado de fóruns dedicados exclusivamente a *fanfics* Orgulho e Preconceito bem como, em segundo plano, de outras obras da autora - conhecidas como *JAFF* ou *Jane Austen Fan Fiction* - o número é considerável. Especialmente se comparado às *fanfics* de ‘Crônicas de gelo e fogo’ e ‘Peter Pan’ de J.M. Barrie.

A adaptação ‘Orgulho e Preconceito e Zumbis’ de Seth Grahame-Smith aparece também na lista de *canons* com uma *fanfic*. Esta obra trata-se de um *mash-up*²¹ e é assinada também por Jane Austen. O autor, um conhecido roteirista de cinema, atendeu a uma encomenda do editor de uma editora que uniu obras universais já em domínio público com personagens de fantasia.

²⁰ www.fanfiction.net visitado em 15.05.2013

²¹ Mash-up: união de um canon com um universo estranho a ele. Além desse, existem outros tipos de fanfics como cross-overs (quando dois canons são unidos), variação, continuação, universo alternativo, etc.



Fanfics não são um fenômeno moderno, ‘Robinson Crusoé’ de Daniel Dafoe publicada pela primeira vez em 1719 recebeu as primeiras histórias derivadas em torno de 1810. O que fez com que *fanfics* se tornassem tão presentes e aumentassem sua força foi a democratização da internet.

O longo processo de escrever, revisar, editar, enviar a revistas especializadas no tema, aguardar resposta e finalmente ver sua história publicada hoje em dia se resume a alguns momentos *on line*. Qualquer pessoa pode postar sua história quase instantaneamente, em vários fóruns diferentes, em seus blogs pessoais e em redes sociais.

A FORÇA DAS FANFICS

Apesar de controversas, as *fanfics* têm várias qualidades. Além obviamente de ser entretenimento garantido, existem vários outros aspectos a serem mencionados.

Listo algumas das que considero as principais.

- **Fomentar intimidade com a obra;**

Revisitar o *canon* frequentemente gera uma intimidade com os personagens elevando-os quase a posição de amigos virtuais.

- **Elogio à obra original;**

A constante revisita ao *canon* reforça a sua qualidade e popularidade. Uma obra precisa ser rica o suficiente para fazer do seu leitor um fã e eventualmente um consumidor de *fanfics*, para alimentar a necessidade de consumi-la.

- **Mantém a obra *in voga*;**

Algumas obras têm inegável valor literário, mas seu alcance oscila. A narrativa dos jogos de poder entre nobres franceses na França do século XVIII que compõe ‘Ligações Perigosas’ de Pierre Chardelos de Laclos vem encantando leitores há mais tempo que Jane Austen, porém não é tão popular. A menos que se mencionem as inúmeras adaptações que a obra já recebeu. Filmes de grande orçamento que recontam a história em seu ambiente original ou em Nova York dos anos noventa quando os protagonistas são adolescentes de classe alta.

- **Aumenta o alcance da obra;**

Sem essas adaptações, a obra clássica mencionada acima certamente estaria fora do alcance do grande público.



Uma vez que uma nova adaptação é lançada e, por exemplo, faz um *mash-up* com um tema popular, o *canon* é exposto a novos consumidores que normalmente não procurariam o estilo específico.

Ao ler uma obra clássica reescrita por um amador, este *canon* torna-se mais acessível ao público com nível intelectual menos elevado.

- **Oferece a chance de estender alguns pontos considerados inexplorados;**

O elemento principal das fanfics é preencher lacunas deixadas no *canon*. Personagens secundários, situações mencionadas superficialmente ou variações da trama são temas recorrentes. Desta maneira, o leitor inverte seu *papel passivo* de consumidor do *canon* para o *ativo* de produtor.

- **Inserir elementos complementares, como erotismo;**

Erotismo é o tema mais comum no universo de *fanfics*, algumas vezes transformando completamente o enredo inicial. Paródias e continuações frequentemente são criadas levando a novos níveis a estória original.

- **Oferece a possibilidade de revisitar a obra com frequência;**

Escrever e ler fanfics que aumentam e complementam o *canon*, iluminam vários pontos que podem ter passado despercebidos quando da leitura. Pequenas lacunas que quando preenchidas frequentemente fomentam a curiosidade pelos fatos narrados no *canon*.

A mera menção desses fatos já traz a obra à mente do consumidor fazendo com que o *canon* continue presente.

- **Hobby muito agradável;**

O hábito de escrever auxilia o desenvolvimento intelectual e emocional em vários âmbitos. Seja em outras línguas ou em Português, o escritor exercita sua capacidade narrativa, a linguagem com a escolha de palavras e termos, a construção de personagens e seus arcos. *Fanfics* já são instrumento de aulas de criação literária no Primeiro e Segundo Segmentos da educação formal já que escrever sobre seus personagens favoritos é bem mais interessante para os alunos que interpretar textos clássicos com os quais eles não têm relação alguma.



Emocionalmente, há estudos que tratam da influência positiva da produção literária no tratamento de doenças.²²

- **Interação pessoal.**

Dentre todos os aspectos positivos, a interação pessoal é que tem maior consequência.

A expressão da visão pessoal aumenta a autoestima do escritor das histórias uma vez que consegue ser *produtor de cultura*, equiparando-se ao autor do *canon*.

A alternância entre o papel de escritor e leitor, produtor e crítico ajuda na criação de grupos de pessoas com interesses similares. O contato com pares, principalmente protegido pela adoção de pseudônimos, possibilita a expressão de opiniões mais abertamente do que é feito presencialmente.

Também é comum em grupos de consumidores de *fanfic* a procura por reconforto devido a problemas pessoais. Seja por saúde abalada ou problemas profissionais, o leitor procura distanciamento e fuga em sua obra favorita.

Autoajuda é uma das vertentes mais populares em fóruns de *fanfics* onde tópicos de discussão de problemas pessoais são frequentes. Algumas vezes discutidos como o enredo das próprias *fanfics* e algumas vezes abertamente num pedido de ajuda, várias vezes os membros desses grupos recebem e dão auxílio emocional.

A FORÇA DE ORGULHO & PRECONCEITO

‘Orgulho e Preconceito’ é considerado um *super-canon*, um fenômeno cultural que é alimentado pela incessante reiteração, repetição e diversificação. Algumas vezes tratado como um *meme*²³ que ganha cada vez mais força exatamente pela sua propensão a ser reinventado num infindável círculo virtuoso.

É o roteiro de maior sucesso da literatura mundial, conhecido universalmente por seus elementos românticos de ‘rapaz conhece moça’, ‘rapaz e moça se desentendem’, ‘rapaz e moça se apaixonam e vivem felizes para sempre’.

A frase de abertura é tão popular quanto a obra em si.

²² Universidade de Kansas, nos EUA, acompanhou durante três meses 180 mulheres em estágio inicial do câncer de mama. Cerca 2001.

²³ Meme: elemento de uma cultura ou comportamento que pode ser passado de uma pessoa para outra por meios não genéticos, esp. imitação. (Wikipedia)



'It is a truth universally acknowledged that a single man in possession of a good fortune, must be in want of a wife.'

Acredita-se que 'Orgulho e Preconceito' é a origem e base dos romances *chick-lit*²⁴ e *bodice-ripper*²⁵. Recheada de erotismo, heróis audaciosos e cavalheirescos porém de diálogo grosseiro, heroínas espirituosas e castas, a *literatura de mulherzinha* fomenta sonhos de mulheres ao redor do mundo independentemente da classe social ou idade. Até mesmo em histórias em quadrinhos para crianças existe alguma versão dessa variável.

A idealização do personagem principal como o homem desejado, o herói perfeito em sua imperfeição tornou-se uma verdade social. A mulher moderna adia o casamento na esperança de *achar um Mr. Darcy*. A piada em torno da verdadeira identidade dos pretendentes encontrados classificando homens entre Mr. Darcy e Mr. Wickham também é recorrente.

Na sua prosa clara, Austen oferece uma fonte infindável de argumentos para discussão do papel dos sexos na Inglaterra Elizabetana e essa discussão ainda é atual duzentos anos depois.

'Orgulho e Preconceito' é considerado um romance que tem grande peso na crítica social. Em suas mães casamenteiras, homens fúteis, cavalheiros falidos, Austen veladamente critica os costumes sociais. Ironicamente, muitos desses costumes ainda estão em voga em nossa sociedade. Coisas tão banais e corriqueiras ganham cores interessantes e cativantes quando Elizabeth Bennet desafia o poderoso Mr Darcy durante uma dança de quadrille num baile formal.

O aspecto da personalidade desafiadora da heroína é muito sedutor para o público feminino que rejeita o papel submisso ao masculino. Por outro lado, a mudança de opinião e sua final capitulação ao charme do herói que humildemente reconhece seus erros reforça o papel de heroína que abraça o seu lugar feminino na sociedade não por *imposição*, mas por *escolha*.

²⁴ 'Literatura de mulher' em Inglês. Gênero literário que lida dos problemas relacionados com a feminilidade de maneira leve e bem humorada. Popular desde o início do século XX.

²⁵ 'Rasga corpete' em Inglês. Sub gênero literário que (pejorativamente) identifica romances que contém erotismo. O termo nasceu com o lançamento de 'The Flame and The Flower' de Kathleen E. Woodiwiss em brochura, 1972 nos Estados Unidos pela Avon Books.



Em plena comemoração de seu bicentenário, 'Orgulho e Preconceito' ganhou uma nova versão, agora transmídia²⁶. 'The Lizzie Bennet Diaries' reconta o enredo de Jane Austen em cem capítulos de uma webseries gratuita publicada semanalmente no canal de vídeo YouTube. Além dos vídeos do arco principal narrados pela heroína, existem arcos secundários estrelados por uma das irmãs Bennet (Lydia, que tem importância capital no desenlace da trama) e pela irmã de Charlotte Lucas (amiga das irmãs Bennet mais velhas). Esse personagem sequer é mencionado no *canon*, mas nesta versão ganha um arco que complementa o personagem de Charlotte, que por sua vez tem mais peso. Enriquecendo a trama, os personagens principais têm perfis em redes sociais e trocam mensagens e fotos preenchendo as lacunas deixadas na narrativa bem como entre a publicação de cada episódio.

A web série teve pouca repercussão no primeiro terço da estória, mas teve seu sucesso multiplicado pela propaganda feita nas redes sociais num fenômeno de auto publicação típico da era digital. Com cerca de vinte mil de visualizações no primeiro dia de postagem de cada capítulo, o empreendimento chegou ao episódio cem como um sucesso de mídia que alcançou um leque de audiência feminina de idades muito diferentes, desde adolescentes até a terceira idade.

Exemplificando o poder da obra bicentenária de Jane Austen, quando a web série estava fechando seu último ciclo foi iniciada uma campanha de captação de verbas para pré-venda de coletânea de episódios em DVD. Durante o período da campanha (de 22 de março a 22 de abril do ano corrente), a campanha arrecadou sete vezes e meia o valor pretendido²⁷, liderando todas as campanhas similares já feitas.

O 'FANDOM' DE ORGULHO & PRECONCEITO

Boa parte do público de Jane Austen é de estudiosos de literatura, tanto no Brasil como no exterior, mas os membros do *fandom* têm origem e formação variada. Profissionais liberais,

²⁶ fenômeno do transporte da informação para as múltiplas plataformas de comunicação, movimento que acompanha a criação de novas tecnologias, como leitores de e-books e celulares com Tv digital. Segundo Wikipedia em 15.05.2013.

²⁷ Kick starter (www.kickstarter.com) campanha 'The Lizzie Bennet Diaries DVD... and More! By Pemberley Digital. Abril, 2013. Objetivo da campanha USD \$ 60.000, teve 7.158 pagantes arrecadando USD\$ 462,405.



professores, funcionários públicos, aposentados. Além de ‘Orgulho e Preconceito’, as demais obras da autora são objeto de estudos e discussões, porém em menores proporções.

Sempre em crescimento, o *fandom* de ‘Orgulho e Preconceito’ continua a ver seu perfil modificado. Tradicionalmente formado pelo público adulto feminino, o *fandom* ganhou novas fronteiras com o lançamento da web serie mencionada acima.

Esse *fandom* requer novidades periodicamente e é alimentado pelos próprios membros que inventam e criam demanda para novos produtos como capa para telefones celulares, *aplicativos*²⁸ para smartphones, jogos de computador e claro, novas histórias.

Alguns trechos do *canon* são notórias portas abertas às variações, continuações, etc.

- “...é razoável, mas não suficientemente bonita para me tentar.” Capítulo III
- “Os meus sentimentos não podem ser reprimidos e permita-me dizer-lhe que a admiro e a amo ardentemente.” Capítulo XXXIV
- “...som da campainha da porta. A princípio (Lizzy) ficou um pouco emocionada com a ideia de que pudesse ser o coronel Fitzwilliam...” Capítulo XXXIV
- “Após falar a sós com Sr. Bennet, Darcy diz a Lizzy: ‘- Vá até à biblioteca. O seu pai quer falar-lhe.’” Capítulo LIX
- Ao saber de Lydia e Wickham, Lizzy diz: “Não tenho qualquer esperança. É horrível!” XLVI

Partido das possibilidades listadas acima e de tantas outras mencionadas, O&P é tratado quase como uma boneca de papel que recebe novas roupagens constantemente. Muda-se a época, as circunstâncias, a ordem dos eventos, mas mesmo assim o enredo continua encantando o público.

Na ocasião do lançamento da *fanfic* ‘Morte em Pemberley’ da aclamada autora de romances policiais P. D. James em 2011, vários fãs do gênero entraram para o *fandom* de O&P após acompanhar os personagens do *canon* tentando resolver um mistério de contornos sombrios.

A editora de livros do site do Jornal Britânico ‘The Guardian’ em sua crítica da *fanfic* de P.D. James, começa a matéria pela atualidade e viralidade de O&P e fala de tal forma que evidencia a resistência a esse sub-gênero da literatura:

²⁸ Software desenvolvido para telefones celulares, tablets e outros aparelhos móveis.



*Até hoje, nenhuma dessas adaptações - ou qualquer outra maneira que se queira rotulá-las - me chamou a atenção, mas finalmente estou interessada em 'Morte em Pemberley'. Pelo menos é uma continuação e não uma re-encenação, o que simplesmente me parece mais respeitoso.*²⁹

Da mesma maneira, novos membros aderiram ao *fandom* com as *fanfics mash-ups* do *canon* com vampiros, zumbis e criaturas do imaginário de terror.

Há que se mencionar que ainda existe muita resistência á leitura de livros no Brasil, em qualquer classe social. Sob este ponto de vista, qualquer incentivo à leitura é válido; quer sejam *fanfics*, eróticas, adaptação ou variação.

Existem grupos de discussão da obra da autora como as várias representações de Sociedades Jane Austen ao redor do mundo e também grupos dedicados a *fanfics*. Como já mencionado, a interação social é um dos aspectos mais importantes relacionados a *fanfics* e *fandoms*.

CONCLUSÃO

Apesar da resistência que ainda gira em torno do tema, as *fanfics* são um importante meio de popularização de um *canon*. Atingindo públicos novos e diversificados, as *fanfics* levam uma obra às fronteiras até então indisponíveis.

Dessa forma, a **Força da *fanfics*** está na perpetuação do *canon*, na interação social, na substituição dos antigos clubes do livro por fóruns *online*. Na modernização e ampliação do alcance e das possibilidades de consumo da cultura. Na apropriação, reverência e tradução da cultura pelo indivíduo membro (oficial ou não) do *fandom* que expressa uma sofisticação comunicativa e relacional demonstrando sua individualidade dentro do coletivo.

A **força das *fanfics* de 'Orgulho e Preconceito'** está em continuamente fortalecer a relevância e atualidade do texto bicentenário de Jane Austen.

²⁹ Crown, setembro de 2011. Tradução livre de *'To date, none of these adaptations - or whatever it pleases you to call them - has grabbed me, but I find I'm actually quite up for Death Comes to Pemberley. For one thing, it's a sequel, rather than a rewriting, which strikes me as simply politer.'*



REFERÊNCIAS

- CRUZ, Rafaela. *Fanfiction: Impulsionando a prática de leitura em tela e produção textual entre adolescentes*. Recife PE, 2008
- COSTA, Sarah. *Fanfiction: A manifestação do leitor como produtor textual na internet*. Bauru SP, 2009
- FELIPE, Eliana. *Floreios e borões* ou como ser leitor e autor numa comunidade virtual de leitores de Harry Potter: Possibilidades e armadilhas. Campinas SP, 2008
- MIRANDA, Fabiana. *"Fancultura" e texto literário: união no ciberespaço*. Revista Encontros de Vista - Terceira edição, 1983
- CLARK, Alex. *Pride and Prejudice still matters, 200 years on*. Artigo postado em 06.01.2013 no website do jornal The Guardian
- CROWN, Sarah. *The latest austen mashup: Pride and Prejudice and Murder*. Artigo postado em 22.09.2011 no website do jornal The Guardian
- HELMORE, Edward. *When lit hit the fans: Edward Helmore on the rise and rise of fan fiction*. Artigo postado em 29.10.2006 no website do jornal The Guardian
- KOOLEN, Corina. *Critical views in Pride & Prejudice on line fan fiction*. Bachelor Thesis, 2009
- LEE, Angela. *Time travelling with fanfic writers: Understanding fan culture through repeated online interviews*. Participations Journal of audience & reception studies. Volume 8, Maio 2011
- MORRISON, Sarah e SHIRAZ, Jessica. *Romance that never loses its sparkle: The world's most influential novel ever*. Artigo postado em 13.01.2013 no website do jornal The Independent
- SCRIVENER, Leslie. *Jane Austen's Pride and Prejudice celebrates 200th anniversary*. Artigo postado em 19.01.2013 no website do jornal The Star
- THOMPSON, Cliven. *Clive Thompson on the importance of fan fiction*. Artigo postado em 05.08.2012 no website Wired
- WALSH, John. *Austen power: 200 years of pride and prejudice*. Artigo postado em 19.01.2013 no website do jornal The Independent
- KATSU, Alma. *Is fan fiction ready to go mainstream thanks to Fifty shades of Grey?* Artigo postado em 29.03.2012 no website Tor.com



YOUNG, Cathy. *The fan fiction phenomena*. Artigo publicado em 30.01.2007 no website Reason.com

BRUTLAG, Jeff. *The importance of fan fiction*. Artigo postado em 21.08.2012 no blog A Geek in the Community

GOLD, Jami. *When does fan fiction cross an ethical line?* Artigo publicado em 06.03.2013 em seu próprio website

WILSON, Frances. *How J K created a monster*. Artigo postado em 15.07.2007 no website do Jornal The Telegraph

The importance of fanfiction. Discussão no Forum aberto do site Snitch seeker.com

On the notion of "fan fiction" and why it should be retired. Discussão no Forum aberto do site The one ring.com

The world according to Jane Austen – Artigo publicado em 17.01.2013 no website do jornal Express

Loving Austen – Blog post de 14.01.2013 em Austen Inspired Fanfiction by Mary Simonsen

The other Austen – página no Tumblr

Fuck yeah Darcy and Elizabeth – página no Tumblr

Socially Awkward Darcy – página no Facebook

Orgulho e Preconceito Fanfics – página do grupo no Facebook

A Happy Assembly – Fórum JAFF



OS DIREITOS DOS HOMENS E OS DEVERES DAS MULHERES

Stephanie Savalla

Atualmente, o argumento mais utilizado por indivíduos a fim de justificarem o desinteresse na leitura de Jane Austen é o de que sua obra seria classificada como “água-com-açúcar”. Essa definição se baseia no fato de suas narrativas focarem em amor e casamento – algo que, por si só, já não apresenta um caráter imparcial, mas uma forte crítica baseada em conceitos limitados e, por vezes, equivocados. A ideia do casamento encontra-se totalmente entrelaçada a do “felizes para sempre” dos contos de fada, e a imagem do amor vem sendo massivamente utilizada para menosprezar uma obra de ficção; quando, na realidade, o foco deveria estar na *maneira* como esses temas são abordados. Esta reflexão levou Lloyd W. Brown (1973) a questionar se o fato de Austen abordar os temas amor e casamento significa que a autora aceita a forma convencional como estes costumavam ser tratados naquela época. A resposta é um grande *não*. Os casamentos na obra de Jane Austen como um todo são sempre abordados de maneira transgressora ao padrão, isto é, vão de encontro ao que se é esperado de seus personagens, gerando conflitos entre as famílias dos envolvidos: o desespero de Fanny Dashwood ao descobrir que seus irmãos estão interessados por jovens de renda inferior a de sua família; a audácia de Lydia Bennet em fugir, destruindo sua tão estimada reputação, a fim de se casar com o homem o qual escolhera; ou mesmo a peculiaridade de Emma Woodhouse em não se sentir inclinada ao matrimônio uma vez que não se vê interessada por ninguém. Em *Lady Susan*, Jane Austen expõe o matrimônio como um ponto chave no mundo dos negócios da época: para as famílias de grandes posses, funcionava como um multiplicador de fortunas, na procura de um (a) pretendente de posição igual ou superior, de modo a perpetuar o sobrenome e a hierarquia de ambas as partes; para as damas de baixa renda, numa sociedade em que o trabalho físico não era uma opção aceitável, o casamento era uma formalidade extremamente necessária que viabilizava seu sustento de maneira digna.



Através do olhar da recém-viúva Susan, o sistema se mostra com precisão quando ela afirma: “não consigo decidir facilmente sobre nada tão sério quanto casamento, especialmente porque não estou necessitada de dinheiro no momento...” (AUSTEN). Da mesma forma, quando sua filha Frederica, de 16 anos, diz preferir “trabalhar para o seu próprio sustento” a unir-se a um jovem a quem detesta, não nos deparamos com uma mera questão de escolha, mas com a ideia de que ela se posiciona tão contra a união, que chega a pensar no inaceitável: o trabalho físico como meio de sustento, algo absolutamente fora de cogitação. Dessa forma, Mrs. Vernon tenta defender a sobrinha de seu terrível destino, alegando que a “pobre menina (...) não pode ser sacrificada por política e ambição”. O que não se pode deixar de mencionar nesse caso é a grande diferença financeira entre as duas, que leva Lady Susan a explicar o sistema de forma bem clara para sua concunhada, apontando o distanciamento da visão das duas em relação às suas respectivas filhas.

Quando você tiver a felicidade de entregar a doce e querida Catherine, daqui a alguns anos, a um homem irrepreensível em caráter e conexões, você saberá o que sinto agora. Embora, graças aos céus, você não tenha todos os meus motivos para se alegrar com tal evento. Catherine terá ótimas condições de se sustentar, diferentemente de minha Frederica que depende de um casamento afortunado para ter conforto na vida. (AUSTEN)

Apesar de não ser necessariamente obrigada a se casar, a obra deixa muito claro o fato de não restar outra opção para a jovem, quando sua mãe afirma preferir que a resposta de Frederica à proposta do rapaz fosse de sua própria escolha, mas que tornaria sua vida completamente desconfortável até que ela o aceitasse. Ora, se essa não era basicamente a situação da maioria das jovens sem renda da época. Difícil pensar em uma situação mais desconfortável do que a herança de seu pai, isto é, sua única fonte de renda, ir para um primo distante e não para uma mera mulher como você. A obrigação, então, não se encontra na palavra dura ou no castigo dado pelos pais, mas no próprio sistema vigente em tal sociedade, que não aceita outra forma de sustento que ainda lhe propicie certa dignidade perante os demais.



Com base nesse raciocínio, percebemos que os temas *amor* e *casamento* aparecem na obra de Jane Austen como um retrato da “forma em que ambos têm atuado na identidade feminina” (BROWN). As ideias de Austen simpatizam com a manifestação feminista do século XVIII, como as de Mary Wollstonecraft, que vai ao encontro a definições rasas da personalidade feminina, “questionando certas premissas masculinas na sociedade”. Em *Lady Susan*, precisamos atentar para a forma como a protagonista é massivamente criticada por determinados comportamentos os quais, quando vindos de personagens masculinos, são tratados com absoluta naturalidade. O fato de a viúva flertar com dois homens ao mesmo tempo, por exemplo, é visto com horror e julgado por todos os personagens da história como uma atitude vulgar. No entanto, Mrs. Johnson afirma que Sir James Martin se uniria, com prazer, a Lady Susan ou a Frederica. A afirmação passa quase despercebida e mostra o quão natural era, para todos, o fato de um cavalheiro flertar e pensar em matrimônio com duas pretendentes, ainda que estas fossem mãe e filha.

Para Mrs. Vernon e Lady De Courcy, induzir Frederica a aceitar uma união com alguém que ela não deseja é uma barbaridade. Contudo, as duas findam a história assumindo a mesma postura que tanto criticaram: planejam, entre elas, induzir Reginald a se afeiçoar pela jovem. E apesar de a atitude ser transcorrida como algo muito natural, é quase inegável dizer que a hipocrisia em questão não foi proposital por parte de Jane Austen. A obra, mesmo que epistolar e narrada em primeira pessoa por múltiplos narradores, apresenta uma conclusão discorrida por um *narrador intruso*, em terceira pessoa, “que fala com o leitor e julga diretamente o comportamento dos personagens” (GANCHO). O trecho dedicado a essa circunstância se destaca pelo exagero na quantidade de verbos utilizados para relatar a situação: “Frederica estava, portanto, estabelecida na família de seus tios até que Reginald pudesse ser influenciado, adulado e conduzido a nutrir uma afeição por ela” (AUSTEN).

Além disso, quando o assunto é sua filha, o fato de Susan demonstrar uma preocupação maior acerca de praticidades do que com a afetividade é bastante questionado por aqueles que também demonstram colocar o sistema multiplicador de fortunas, isto é, o matrimônio à frente da felicidade pessoal. Ao saber que Reginald desistira dos planos de se casar com Lady Susan e ao ver o filho em desespero, trancado em seu quarto, sua mãe afirma: “esta é a hora mais alegre que ele já nos proporcionou desde o dia de seu



nascimento” (AUSTEN) – uma afirmação um tanto cruel vinda de uma mãe, e que acaba se assimilando à postura de Lady Susan na qual os deveres sempre figuram em primeiro plano.

Susan também é inteiramente culpabilizada pelo adultério na trama envolvendo o comprometido Mr. Manwaring. A viúva, que não possui nenhum tipo de compromisso, é acusada de seduzir um homem casado e, conseqüentemente, destruir uma família. Em momento algum o cavalheiro é julgado por trair sua esposa; pelo contrário, ele é visto como a vítima da situação, como se não tivesse direito de escolha ao ser arrastado por uma perigosa predadora. Essa vitimização do homem perdura até os dias de hoje, com a nossa mídia que insiste em culpabilizar a mulher, mesmo quando é ela quem sofre determinada ação. É como se o fato de a mulher não cumprir fielmente com o papel imposto pela norma legitimasse o homem a agir da forma que bem entende. Percebemos essa legitimação absurda quando Mrs. Vernon declara estar certa de que, na opinião de Reginald, Lady Susan seria “a mulher mais vulgar de toda a Inglaterra; e, quando ele chegou, era evidente que não a julgava com direito a delicadeza nem respeito, e sentia que ela fosse ficar encantada com as atenções de qualquer homem que estivesse inclinado a flertar com ela” (AUSTEN). Ou seja, ao fugir do modelo estabelecido pelos livros de conduta de experts masculinos no comportamento feminino, a mulher perde seu direito básico ao respeito.

Modéstia, ternura e delicadeza são atributos indispensáveis à mulher, dizia Thomas Gisborne. A teoria de que o indivíduo do sexo feminino “tem o coração como objeto principal”, e de que “não é o talento argumentativo, mas o sentimental que o leva a seu propósito como mulher” (FORDYCE) é desconstruído na personalidade de Susan. Enquanto os personagens masculinos da obra são retratados como fracos e bobos, Jane Austen cria uma mulher “cuja inteligência e personalidade são superiores as dos que a cercam, e que tem a plena consciência de seu desperdício no mundo tedioso em que ela é obrigada a viver” (DRABBLE). Mesmo assim, a busca pela definição da identidade feminina ia mais além ao analisar o sexo dito frágil com base em uma tese biológica minimalista e patriarcal. O estudo baseado em um esquema pós-freudiano no qual cada sexo existe dentro de seu próprio plano corporal, em que mulher é “consciente de sua estrutura interior e de sua capacidade de produzir e nutrir uma criança” (MYERS) acarreta na concepção rasa de que o papel da mulher na sociedade se completa com o casamento e a reprodução. Contudo, essa teoria não é validada se tomarmos como base o relacionamento abusivo e desprovido de



afeto entre Lady Susan e Frederica. A forma cruel na qual a mãe fala da filha, sempre com insultos e desprezo, desconstrói todo o conceito do papel materno tão talhado por esses críticos.

Lady Susan incorpora a mulher ideal para Wollstonecraft, aquela que possui “uma mente saudável e independente”, isto é, insubmissa aos demais, e que demonstra seu intelecto como uma criatura racional: “estou cansada de submeter meus desejos aos caprichos dos outros, de resignar meu próprio julgamento em consideração àqueles aos quais não devo explicação alguma e pelos quais não sinto qualquer respeito” (AUSTEN). Mesmo assim, a personagem chegou a ser considerada como “totalmente sinistra” (SOUTHAM apud TOMALIN) – ora, se Susan não é basicamente o retrato de um ser humano que possui uma perversidade real, isto é, que sente desejo, inveja e até mesmo sede de vingança. Mesmo assim, mais de dois séculos após a produção da obra, a receptividade do leitor acerca da protagonista continua, de certa forma, cristalizada. Por vezes, ela ainda é vista com a mesma concepção retrógrada que enfoca e critica o comportamento feminino enquanto ignora e releva a mesma postura em um indivíduo do sexo masculino. Cabe ao leitor (a) fazer uma análise mais profunda das atitudes dos personagens, tomando como base uma visão pautada na real sociedade em que estamos inseridos e naquela anterior, na qual tudo era mais difícil e condenável. A ideia da personagem “sinistra” ainda mostra-se forte em meio às resenhas da obra por resultar de uma leitura que persiste em idealizar heróis e heroínas, separando vilões e mocinhos em duas categorias que não se esbarram. Lady Susan é a fusão dos dois lados que cada indivíduo possui, e é justamente isso que a caracteriza *humana*.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Lady Susan**. 2014.

BROWN, Lloyd W. **Jane Austen and the feminist tradition**. in **Nineteenth-century fiction**. 1973.

DRABBLE, Margaret. **Lady Susan, The Watsons & Sanditon**. 2011.

GANCHO, Candida Vilares. **Como analisar narrativas**. 2006

LITERAUSTEN

Jane Austen Sociedade do Brasil - JASBRA



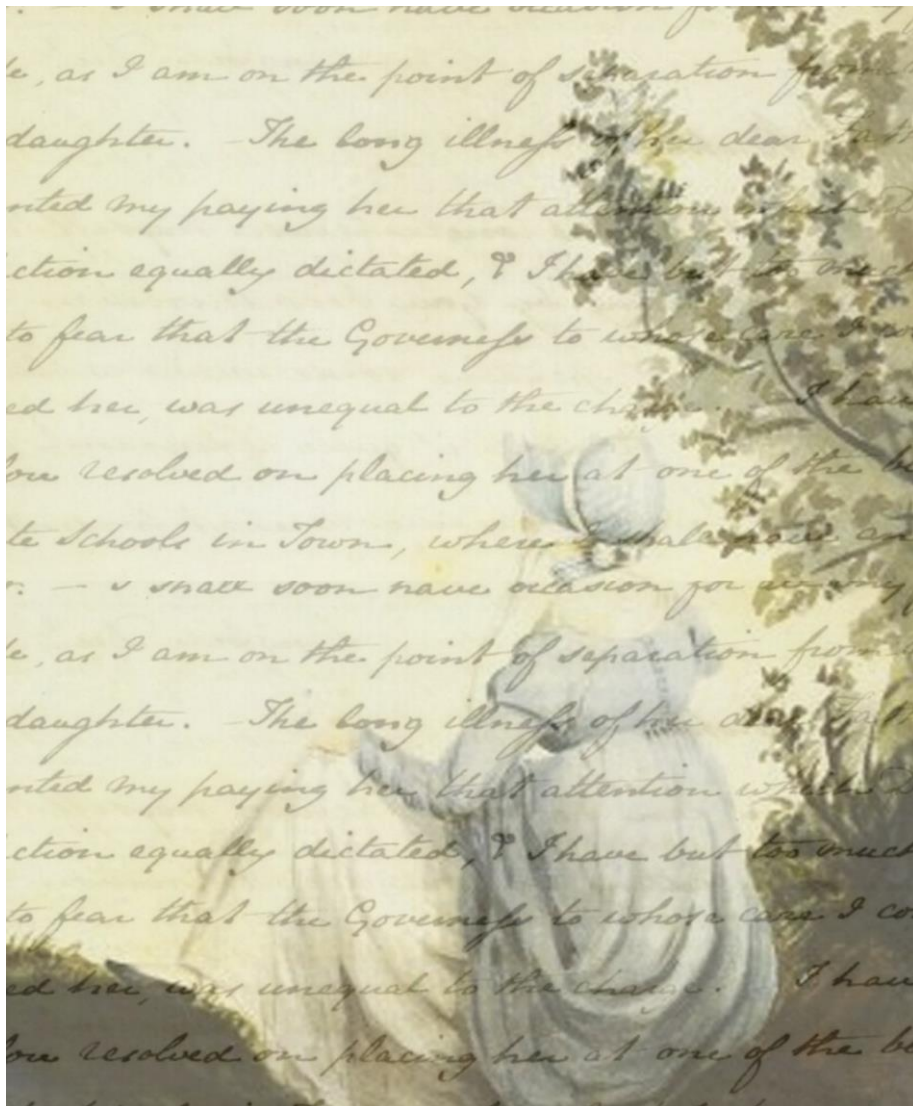
MYERS, Sylvia. **Womanhood in Jane Austen's novels.** 1970.

TOMALIN, Claire. **Jane Austen: a life.** 2000.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A vindication of the rights of woman.** 1792.



Número 01 - 1º Semestre de 2017



Revista LiterAusten

Estudos, pesquisas e ensaios dedicados ao legado da romancista inglesa

Jane Austen